

<http://dx.doi.org/10.26694/pensando.v15i36.6033>

Licenciado sob uma Licença Creative Commons

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0>



O ENCONTRO DA ENUNCIÇÃO FILOSÓFICA NA NOSSA AMÉRICA: GEOCULTURA E CORPORALIDADE EM GÜNTER RODOLFO KUSCH

The encounter of philosophical enunciation in our America: Geoculture and corporality in Günther Rodolfo Kusch

Natacha Muriel López Gallucci
(UFAL)

Resumo: Neste artigo buscamos nos aproximar de dois objetivos em torno da filosofia de Günther Rodolfo Kusch (Buenos Aires, 1922-1979). Abordaremos, como primeiro objetivo, o terreno conceitual da filosofia latinoamericanista e as condições de possibilidade a partir das quais desenvolve sua filosofia em termos de pensamento geocultural (*América Profunda*, 1962; *El pensamiento indígena y popular en América*, 1970; *Geocultura del hombre americano*, 1975). Desejamos compreender aspectos do aporte de Kusch aos posteriores diálogos entre os Estudos Decoloniais e a nomeada História Intelectual da América Latina, que acarretaram consequências teóricas de impacto nas Ciências Humanas, Sociais e na Teoria Estética contemporânea. Em seguida, orientaremos esforços para o segundo objetivo, visando mapear como se expressam essas ideias na sua aproximação estética fundamentada em uma “ética do encontro” com o pensamento latino-americano. Indagaremos – na sua proposta de inversão da metafísica em termos de “estar sendo” (*estar siendo, pre-recinto del ser*) –, como se dinamizam as corporalidades demoníacas e contra hegemônicas para pensar os dramas sociais ameríndios, rurais e urbanos, em termos geocultural e situado. A partir da enunciação sobre a corporalidade nas danças andinas, na zamba argentina (*La zamba y los dioses*, 1966) e no tango (*Filosofía del tango*, 1952; *La luna y el tango*, 1966, entre outros), a letra kuschiana extravasa a filosofia tradicional e expressa, nessa argumentação estética e nas reflexões sobre a dança, elementos que aportam um olhar original sobre o corpo enraizado e situado na paisagem latino-americana. Por meio dessas pistas, o filósofo nos confronta com saberes ancestrais pré-colombianos e formas da enunciação filosófica popular. Acompanhando sua proposta metodológica de uma “filosofia de campo”, seu percurso acessa artefatos populares, rituais e tecnologias corporais que anunciam formas possíveis do pensamento como cocriação e expressão de comunidade como proposições geoculturais americanas.

Palavras-Chave: Filosofia latino-americana, Geocultura, Corpo, Ética, Rodolfo Kusch.

Abstract: In this article, we seek to address two objectives regarding the philosophy of Günther Rodolfo Kusch (Buenos Aires, 1922-1979). Our first objective will be to examine the conceptual terrain of Latin Americanist philosophy and the conditions of possibility from which he developed his philosophy in terms of geocultural thought (*América Profunda*, 1962; *El pensamiento indígena y popular en América*, 1970; *Geocultura del hombre americano*, 1975). We wish to understand aspects of Kusch’s contribution to the subsequent dialogues between Decolonial Studies and the so-called Intellectual History of Latin America, which had a theoretical impact on the Humanities, Social Sciences, and contemporary Aesthetic Theory. Next, we will direct our efforts towards the second objective, aiming to map how these ideas are expressed in his aesthetic approach based on an “ética del encuentro” with Latin American thought. We will investigate – in his proposal for the inversion of metaphysics in terms of “estar siendo” – how “demonic” and counter-hegemonic corporeality are dynamized to think about rural and urban Amerindian social dramas in geocultural and situated terms. In this sense, we will revisit his discussion of corporeality in Andean dances, in Argentine zamba (*La zamba y los dioses*, 1966) and in tango (*Filosofía del tango*, 1952; *La Luna y el tango*, 1966, among others). Kusch’s write style goes beyond traditional philosophy and expresses in this aesthetic argument and in reflections on dance, elements that provide an original perspective on the “cuerpo situado” in the Latin American landscape. Through these clues, the philosopher confronts us with ancestral pre-Columbian knowledge and forms of popular philosophical discourse. Following his methodological proposal of a “field philosophy”, his path of reflection includes popular

artifacts, rituals and bodily technologies that express possible forms of thought as co-creation and expression of community as American geocultural propositions.

Keywords: Latin American Philosophy, Geoculture, Body, Decolonial Studies, Rodolfo Kusch.

1. Introdução

A obra de Günther Rodolfo Kusch¹ nos endereça decisivamente a uma pergunta que, como afirmou o pensador mexicano Leopoldo Zea², ecoa com força na América, a saber: possuímos uma história, uma filosofia, um pensamento, uma práxis ou uma arte própria da América? Retomando esse circuito de indagações sobre o pensamento americano na perspectiva argentina traçada no contexto do projeto da Filosofia da Libertação e do movimento *latinoamericanista*, a produção kuschiana irá se constituir como uma bordadura na ressignificação da pesquisa filosófica e de seus problemas ontológicos, questionando-se os elementos e as formas que têm tomado o pensamento popular na nossa³ América.

A filosofia desenvolvida por Rodolfo Kusch (entre os anos de 1952 e 1979) compreende diversas áreas. Entre seus textos filosóficos, encontramos diálogos com a fenomenologia europeia de Husserl e Heidegger, transmitida pelo seu mestre Ezequiel Martínez Estrada⁴ (1895-1964). Também nos deparamos com uma abordagem transdisciplinar ampliada por novos vetores de análise dos problemas latino-americanos, cunhando conceitos próprios em livros como *La Seducción de la barbarie*⁵ (1953), *Anotaciones para una estética de lo americano*⁶ (1955), *América Profunda*⁷ (1962), *De la mala vida porteña*⁸ (1966), *Indios, porteños y dioses*⁹ (1964), *El pensamiento indígena y popular en América*¹⁰ (1973), *La negación en el pensamiento popular*¹¹ (1975), *Geocultura del hombre americano*¹² (1975-76) e *Esbozo de una antropología filosófica americana*¹³ (1978). Essas obras são testemunhos da maneira de Kusch fazer filosofia, que está atrelada a trabalhos de campo, na Argentina e na Bolívia, o que lhe rendeu uma ampla produção de coletâneas fotográficas e registros sonoros de memória oral que pertencem ao Arquivo Rodolfo Kusch aos cuidados da equipe da Biblioteca da UNTREF, na Cidade Autónoma de Buenos Aires, Argentina.

Estudioso das culturas e artes americanas, Rodolfo Kusch plasmou seu pensamento filosófico por meio de uma vocação dramaturgica em peças teatrais como *Tango Misho, Cafetin e Credo Rante* (1959), *La muerte del chacho* (1960) e *La leyenda de*

¹ Gunter Rodolfo Kusch (1922–1979) nasceu em Buenos Aires. Filho de Ricardo Carlos Kusch e Elsa María Dorotea Tschunke de Kusch, casal de alemães que chegaram à Argentina após a Primeira Guerra Mundial. Sua biografia completa encontra-se em MICHUT, Muchiut; ROMANO, Graciela; LANGÓN, Mauricio. Bibliografía de Rodolfo Kusch (1922-1979). In: *Megafon*, Año IV, N. III,12, En-Dic, 1980, p. 15-20.

² Seguindo a linha de José Gaos, na perspectiva da corrente da *Historia de las Ideas* ou da *Nueva filosofía de la historia hispano-americana*, Zea afirma que, à diferença do projeto colonizador anglo-saxão e puritano – em que se assumem passivamente traços da modernidade europeia, na América Latina, o processo colonizatório produz o esquecimento de elementos autóctones, que o autor nomeia o *ser original*. ZEA, Leopoldo. *América en la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

³ O uso do termo *Nuestra América* remete à obra homônima de José Martí (1854-1895).

⁴ Apesar da controvérsia em redor dos alcances e da influência que teria exercido Ezequiel Martínez Estrada na filosofia de Rodolfo Kusch decidimos mencioná-lo pela grande contribuição que autor desenvolveu para essa toda a geração e para a filosofia argentina. MARTINEZ ESTRADA, E. *Radiografía de la pampa*. Buenos Aires: Losada, 1961; MARTINEZ ESTRADA, Ezequiel. *Diferencias y semejanzas de los países de América Latina*. México: UNAM, 1962. MARTÍNEZ ESTRADA, E. *La cabeza de Goliat*. Bs As: Sol 90, 2001.

⁵ KUSCH, R. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 3-134.

⁶ KUSCH, R. *Obras Completas IV*. Rosario: Fundación Ross, 2007, p. 779-816.

⁷ KUSCH, R. *Obras Completas II*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 1-216.

⁸ KUSCH, R. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 323-458.

⁹ KUSCH, R. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 135-322.

¹⁰ KUSCH, R. *Obras Completas II*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 255-236.

¹¹ KUSCH, R. *Obras Completas II*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 567-687.

¹² KUSCH, R. *Obras Completas III*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 5-231.

¹³ KUSCH, R. *Obras Completas III*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 241-418.

Juan Moreira, também de 1960, entre outras. Produziu roteiros para programas radiais¹⁴ e apresentações fronteiriças entre fotografia, capítulos de *folhetim*, teatro e audiovisual. Esses materiais, sintomas da sua trajetória instigante, criativa e ímpar, conduzem-nos pela polifacetada produção da rede semântica perspicaz de sua filosofia. Desde esse campo de atração, cujos materiais, abordagens e problemas são profundamente assimétricos, emergem irreverentes os questionamentos kuscheanos sobre a tradição filosófica eurocêntrica e sua aplicabilidade na América.

Neste artigo buscamos nos aproximar de dois objetivos visando as trilhas da enunciação filosófica kuschiana. De um lado, retomaremos a metáfora da gravidade do solo para pensar o sujeito e o pensamento na América como abordagem geocultural; e de outro, seu interesse filosófico em torno do gesto, da corporalidade e das danças latino-americanas indícios chave do aspecto simbólico, ancestral e comunitário latente da linguagem do povo americano. O primeiro objetivo se propõe a refletir sobre o horizonte conceitual e as condições de possibilidade a partir das quais se desenvolve sua enunciação filosófica em termos de *geocultura*¹⁵. Desejamos compreender, portanto, alguns dos aportes de Rodolfo Kusch ligados aos diálogos que, provindos da tradição filosófica *latinoamericanista* e da *Filosofía de la Liberación*¹⁶ são reativados, na atualidade, por pensadores da Teoria decolonial, da rama da História Intelectual da América Latina e pelos Estudos Culturais. Destacando que, como afirmou Alberto Buela, Kusch tem sido nesse âmbito um dos mais originais filósofos argentinos, fundador de um tipo de filosofia que eleva o pensamento popular, as artes e a religião ao status de campo de pesquisa que dá acesso ao arcaico (*arché*) da América; pois sua proposta metodológica combinando fenomenologia, literatura e antropologia, remete justamente ao momento da gestação de uma das correntes da *Filosofía de la Liberación*, em sua rama popular.¹⁷ Complementando esse objetivo, inspirados pelo retorno kuschiano para “pensar o próprio da América” em base ao popular, o jogo, o escambo, os mitos, a economia austera e os laços solidários, situamos o segundo objetivo deste trabalho. Retomaremos as ideias estéticas de Kusch, a partir da corporalidade e do gesto na dança. Este tópico, ainda hoje pouco abordado na fortuna crítica do autor, remete a um exercício filosófico inacabado; orientado para o estudo dos elementos gestuais e performativos que emergem – como proposições geoculturais –, enlaçando a sabedoria e a memória ao corpo-arquivo do povo americano. E, para isso, estudaremos sua filosofia da dança através da sua visão da cultura Andina, nos carnavais e diabos, do corpo na zamba índice da cultura afroameríndia rural argentina e da corporalidade no tango como expressão ritual da cultura urbana. Neste tópico derradeiro, intentamos mostrar que Rodolfo Kusch, em sua proposta epistemológica, antropológica e ética, ao abordar a dança como cosmovivência grupal¹⁸ na nossa América, pensava o valor das determinações gestuais e fugazes do acontecimento, do que “está” (o visível, os deuses, os demônios), a trama do episódico, em termos de coexistência e coabitação; expressões do rito e do símbolo e suas conexões com o mundo

¹⁴ Registros de programas de *Radio Nacional* nos permitem acessar a voz de Rodolfo Kusch na década de 1960. A modulação de sua voz, sua cadência grave, *tanguera* e urbana é intervinda pelo silêncio e pela pausa, em que ele parece recriar a imagem da “espera”, desde o alto a Cordilheira do Andes. Essa voz continua produzindo efeitos potentes de ressignificação de sentido para a filosofia argentina e latino-americana. Os programas em que participou Kusch foram emitidos entre 1963 e 1965, primeiro em *Radio Nacional* (Programa “Taller de la palabra” e “Lo que Somos”, depois na *Radio Municipal de Buenos Aires*).

¹⁵ Destacando que, segundo a quinta tese metafísica sobre Kusch, Sergio Cecchetto afirma que é possível contrapor à filosofia ocidental uma metafísica espacial desde América. CECCHETTO, S. Nueve tesis (metafísicas) sobre Rodolfo Kusch. Cuartas Jornadas del Pensamiento Filosófico Argentino “La obra de Rodolfo Kusch”, Buenos Aires, 1989.

¹⁶ Diversos autores concordam em situar os inícios da Filosofia da libertação Latinoamericana nos diálogos sobre Teologia da libertação, envolvendo ideias do marxismo e cristianismo, que desembocaram na Conferência de Medellín em 1968. BUELA, A. *Pensamiento de ruptura*. Buenos Aires: Teoría, 2008, p. 221. Não desenvolveremos esse tópico específico neste artigo.

¹⁷ BUELA, A. *Pensamiento de ruptura*. Buenos Aires: Teoría, 2008, p. 178.

¹⁸ BAUER, C. F. *Método Kusch: la voluntad entre el estar y el “ser”-ego el camino del estar-siendo para un nuevo pensamiento abyayalense (“americano”)*. Rodolfo Kusch filósofo de la liberación. Goiânia: Editora Phillos, 2019. p. 94.

mítico pré-hispânico. Neste sentido realizaremos uma leitura que aproxime sua filosofia das dinâmicas que hoje nomeamos Performances Culturais¹⁹. Pois, como evidencia seu *Esboço de uma Antropologia filosófica americana*, há uma relação nunca estudada entre sua obra -proposta de uma Antropologia aplicada²⁰-, e disciplinas como a Antropologia da dança²¹, na analítica existencial dos gestos e da corporalidade em cada *geocultura*. Kusch reintroduz, na filosofia, o fator das artes e danças populares (depreciadas historicamente pelo olhar colonizador) como elemento crucial para a libertação e a compreensão da cultura. Que, como observaremos, são conceitos decisivos para uma análise que contemple a ontologia e a estética convivial americana²².

Colocados esses objetivos, aparentemente heterogêneos – que acreditamos expressar complementariedade –, percorreremos as pistas lavradas por Kusch como formas de acesso ao pensamento americano, observando as fontes apagadas do popular que se expressam – entre o ordinário e o sagrado-, no espaço em que gravita a cultura tensionando o tempo ancestral, o corpo gestual e vocal. Ao adotarmos sua metodologia de conhecimento sempre orientada para a compreensão histórica e de fruição sensível (*aisthesis*) da América profunda e mestiça²³, adentramo-nos na sua proposta ética do *estar sendo* como forma existencial. Nesse sentido, esperamos colocar em valor a letra kuschiana e provocar novos leitores para sua crescente fortuna crítica que elenca nomes como os de W. Mignolo, E. Dussel, J. C. Scannone, D. Toribio, G. Steffen, M. Langon, C. Cullen, M. L. Rubinelli, A. Viveros Espinosa, C. Ongaro Haelterman, Bauer, C. F.; S. Castro Gómez, R. Segato, E. Palti, entre outros – pensadores que aportam desdobramentos e somam leituras na decisão de manter vivas as inúmeras astúcias da produção filosófica kuschiana no encontro da enunciação integradora da alteridade latino-americana.

2. Rodolfo Kusch no contexto histórico-filosófico da pergunta pelo pensamento latino-americano

Desde uma perspectiva filosófica, para Enrique Dussel²⁴, haveria três momentos fundadores do pensamento americano. O primeiro momento, marcado fortemente pela

¹⁹ CAMARGO, R. *Performances culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. Narrativas ficcionais e escritas da história*. São Paulo: Hucitec, 2013.

²⁰ KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 209.

²¹ A Antropologia da Dança, tradicionalmente em interlocução com a Etnomusicologia, desenvolve a investigação autônoma da dança na procura de ultrapassar sistematizações hegemônicas e colonialistas para reintegrar a expressão corporal, gestual e coreográfica às tensões e diálogos de seu contexto sociocultural. Adrienne Lois Kaeppeler questionava: “se a dança de uma sociedade particular pode ser definida unicamente nas categorias da cultura desta sociedade, como pode ser o sentido da dança considerado universal? Kaeppeler, A. L. “Dance in Anthropological Perspective”, In: *Ann. Review of Anthropology*. 7: 31-49, 1978.

²² Um exemplo do interesse suscitado pelas danças pré-hispânicas e seus possíveis efeitos na contemporaneidade americana são os recentes os estudos das danças astecas, maias, incas etc. E sabido que na mitologia grega, egípcia, hindu, china e japonesa, os deuses dançam. A concepção de imobilidade nessas civilizações era índice de não existência, uma temporalidade prévia à criação; entretanto o movimento e a dança eram sinônimos de vida, como causas/arché, encontradas tanto nessas mitologias ancestrais americanas quanto, por exemplo, na hindu. Em América pode ser reformulada um *Pai-deia* em cada uma das civilizações pré-hispânica: para os Astecas, que cultuavam a Macuilxóchill, o deus da dança e dos jogos, dançar e cantar eram tarefas obrigatória desde muito cedo para as crianças, como hoje é para nós a escola; chegando à adolescência com uma escolha básica: irem para o treino dos guerreiros ou para a casa dos cantores.

²³ O conceito mestiço lavrado por Kusch tem particularidades muito específicas na sua obra, que não abordaremos neste trabalho. Então, apenas indicaremos que tal conceito se encontra distante do termo como utilizado nas políticas brasileiras de democracia racial. [Nesse sentido, um dos problemas levantados por Walter Mignolo, na sua introdução à tradução da obra de Kusch em inglês, *Indigenous and Popular Thinking in América* [1973], surgida em 2010, diz respeito à dificuldade que a ideia de consciência mestiça apresenta em Rodolfo Kusch. Segundo Mignolo, seja em um sujeito de ascendência africana, seja de ascendência europeia nas Américas, a maneira de a consciência ser experimentada é diferente, sendo que ambos compartilham experiências comuns, como a de serem deslocados da ordem dominante do mundo ao qual pertencem. MIGNOLO, Walter. Introduction. In: KUSCH, Rodolfo. *Indigenous and popular thinking in América*. Trad. M. Lugones e J. M. Price. Durham: Duke University Press, 2010, xv-liv.

²⁴ DUSSEL, E. *Introducción a la filosofía de la liberación*. Bogotá: Nueva América, 1988.

busca do ser americano no despontar do pensamento do mexicano Leopoldo Zea²⁵, na perspectiva da História das Ideias; o segundo, abalizado pelas proposições dos pensadores da geração de 1940²⁶, com concepções econômicas e culturais fortemente nacionalistas, na busca de justiça social e à procura de uma renovação da filosofia latino-americana; e o terceiro momento, espécie de síntese, que diz respeito à complexificação apresentada pela retomada do núcleo ético-mítico da civilização e da cultura latino-americana, teorizada a partir dos anos de 1970, no caminho radical da *Filosofia de la Liberación*. Proposta esta que, como práxis, orientou-se para refletir sobre as formas concretas de emancipação dos oprimidos da América²⁷.

Desde outra perspectiva, em uma crítica da tradição da História das Ideias²⁸ orientada pela História Intelectual na América Latina (na afirmação de que o continente é produtor de ideias filosóficas e políticas originais), Elias Palti²⁹ situa duas vertentes na abordagem do pensamento *latinoamericanista*, principalmente após 1960. De um lado, o historicismo de Arturo Andrés Roig – em diálogo com a *Filosofia de la Liberación* –, pensando a história que incorpora as ideologias, isto é, uma história da consciência social latino-americana³⁰. E, de outro lado, a vertente fenomenológica, representada por Rodolfo Kusch, com sua inovação em redor do papel da “ontologia do estar”. Nesse âmbito prolífico, a trajetória de Kusch parece circular por diversos campos de atração, não se situando em um lugar fácil de determinar dentro das mencionadas correntes. Sua metodologia (*vide* “a lógica da negação”³¹, “fagocitação”³² “a metafísica vegetal”³³ e “a dupla vetorialidade do pensar americano”, a relação “sujeito-sujeito”) se expressa, como observaremos, na perspectiva de um tipo de “encontro” da enunciação filosófica, de uma forma de (perform)-atividade do sujeito que pensa e faz filosofia “neste continente

²⁵ A filosofia de Leopoldo Zea (discípulo e orientando do filósofo mexicano José Gaos) buscou um debate aberto orientado a pensar suas circunstâncias latino-americanas com o objetivo de compreender o humano de maneira universal. Gestou uma base institucional em que pudesse ser elaborada uma história das ideias latino-americanas. Quando, em 1947, a Comisión de Historia del Instituto Panamericano de Geografía e Historia criou o *Comité de Historia de las Ideas en América*, ele foi seu primeiro presidente. Sua atividade principal foi a publicação do volume *Historia de las Ideas de cada nación da América*.

²⁶ No pensamento argentino, representantes da geração de 1940 foram os filósofos Carlos Astrada, Octavio Paz, César Pico, Nimio de Anquín, Leonardo Castellani, Ángel Vasallo, Luis Farré, Ezequiel Martínez Estrada. Escritores como Jorge Luis Borges, Leopoldo Maréchal, Eduardo Mallea, Roberto Arlt. Historiadores como Ernesto Palacio, Raúl Scalabrini Ortiz, Arturo Jauretche. Poetas e artistas como Enrique Santos Discépolo e Lino Spilimbergo.

²⁷ DUSSEL, E. *Filosofia da libertação*. São Paulo: Loyola, UNIMEP, 1976.

²⁸ Como esclarece E. Palti, a História das Ideias refere-se à forma de Arthur Lovejoy ou Roy H. Pearce, preocupados pela análise interna das ideias e buscando a relação que elas guardam entre si, com independência da realidade histórica em que elas surgem. Entretanto, a História intelectual, pelo contrário, remete à forma de fazer história de Harvey Robinson ou Crane Brinton, que visualizam as ideias como instrumentos de adaptação e supervivência do homem dentro da realidade em que se encontra. Neste último, as ideias são importantes na medida em que atuam como agentes para a adaptação e a supervivência no domínio concreto de um universo sociobiológico.

²⁹ Segundo Elias Palti, uma abordagem histórica dos conceitos possibilita compreender os sujeitos de uma consciência mestiça e situada em nossa América: um “mundo assimétrico na disponibilidade de recursos, tanto econômicos como culturais”; território considerado periférico nas dinâmicas do mundo moderno e dos centros de produção cultural neoliberais. Nessa crítica do esquematismo histórico que pensou as produções filosóficas americanas como “ideias fora de lugar”, o autor tenta abrir caminhos para além das ideias tradicionais fundadas no esquema de “modelos” (eurocêntricos) e de “desvios”, entendidas como cópias degradadas dos sistemas “importados”, fundamentalmente da Europa. COSTA, Adriane Vidal; PALTÍ, Elías “Os lugares das ideias na América Latina”. In: COSTA, Adriane Vidal; PALTÍ, Elías (org.). *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte: Fino Traço, 2021, p. 6.

³⁰ Para Roig, fazer uma história das ideias significa compreender a função social delas dentro das próprias conexões que se estabelecem em cada momento histórico. Mais que buscar influências no desenvolvimento das ideias filosóficas, procura ampliar o horizonte da disciplina histórica para abraçar tanto no pensamento acadêmico quanto no circuito do pensamento popular as ideologias dominantes e oprimidas que permitem pensar formas específicas de produção social em cada momento histórico. ROIG, A. A. *Rostro y filosofía de América Latina*. Mendoza: Editorial de la Universidad Nacional de Cuyo, EDIUNC, 1993, p. 33.

³¹ KUSCH, R. América Profunda In: KUCH, R. *Obras Completas III*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 639.

³² KUSCH, R. América Profunda In: KUCH, R. *Obras Completas III*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 185.

³³ KUSCH, R. *La seducción de la barbarie*. Análisis herético de un continente mestizo. Obras Completas I. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 25.

mestiço”. Suas proposições metodológicas e sua prática de investigação de campo, desse modo, expressam certa queda do paraíso ideal e conceitual acadêmico com relação ao “ser americano”, cultuado pela *Filosofia da História* latino-americana, que seria amplamente reformulado contra o eurocentrismo imperante a partir do nomeado *giro decolonial*³⁴.

Tanto o sociólogo A. Quijano quanto o filósofo E. Dussel concordam em definir o eurocentrismo filosófico como uma atitude colonial diante do conhecimento. O que articula, de forma simultânea, o processo das relações centro-periferia com as de hierarquias étnico raciais. A conhecida tese sobre a colonialidade do poder recai, justamente, nessa estrutura do pensamento que outorga superioridade ao conhecimento europeu, predeterminando um espaço subalterno para outros pensamentos não europeus e não ocidentais. Nessa perspectiva, para o filósofo S. Castro Gómez, a pergunta sobre uma possível diversidade epistêmica é crucial nesse giro decolonial; bem como o questionamento acerca de como incorporar os conhecimentos que foram subalternizados na perspectiva global capitalista; e de como acionar os saberes das populações camponesas, operárias, de comunidades descendentes afroameríndias, dos grupos culturais e políticos de base comunitária, das mulheres, dos LGBTQIAPN+ e dos movimentos antissistêmicos. Tais ponderações ocorrem porque os conhecimentos construídos como formas de resistência e resiliência encontram-se encarnados, incorporados, em termo desses autores, em modos de vida de corpos-políticos, atravessados também por contradições sociais e lutas concretas, em locais específicos de observação³⁵.

Consideramos que, nesse processo americano de edificação conceitual que se inicia no século XX, visando o descentramento do discurso filosófico e metafísico eurocêntrico, dão-se as condições de possibilidade da letra de Rodolfo Kusch. Sua busca retorna, sem se espelhar, para algumas tentativas estéticas de Ricardo Rojas (1882-1957), quem havia esboçado formas de síntese entre o hispânico e a cultura pré-colonial no *Euríndia* (1922)³⁶. Nesse livro Rojas discutia, entre outras, a temática do ser nacional, levantada na Argentina pela *Geração do 40*. Esta geração – chave na formação de Rodolfo Kusch –, reflete sobre as dinâmicas socioculturais emergentes da classe média, sobre a filosofia do peronismo e desenvolve sua crítica à metafísica tradicional de M. Heidegger, na figura de E. Martínez Estrada³⁷. Este último, mestre de Kusch, irradiou-lhe a possibilidade de um pensamento autônomo sobre e desde o solo americano.

Nosso desafio, neste contexto, traça uma busca da letra kuscheana para indagar algumas de suas ideias de uma maneira “des-fixada” do *status* de “consequente” dos marxismos latino-americanos, do peronismo, ou de ser “predecessor” da *Filosofia de la Liberación* ou do pensamento decolonial. Pois, segundo afirma Esposto, Holas e Holas³⁸, Kusch adota um caminho paralelo ao desses grupos que exploram as consequências da exterioridade de América na filosofia “universal”, enquanto Rodolfo Kusch se adentra na sua interioridade e ancestralidade.

Destaca-se que, para F. Solero, entre os pensadores da geração posterior a Martínez Estrada, será Kusch o único que se atreverá a indagar com argumentos próprios os “alicerces” da vida americana, aceitando a dupla verdade (e *doble vectorialidad*) que

³⁴ A expressão “giro decolonial”, desenvolvida originariamente pelo portorriquenho Nelson Maldonado-Torres, complementa a categoria de ‘descolonização’ emergente nas Ciências Sociais no final do século XX. Pensadores como A. Quijano, R. Grosfoguel - do grupo modernidade/colonialidade - desenvolveram, nesse sentido, sua crítica das formas eurocêntricas de conhecimento como formas de poder.

³⁵ CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central - Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007.

³⁶ ROJAS, R. *Euríndia. Ensayo de estética sobre las culturas americanas*. Buenos Aires: Losada, 1951.

³⁷ Entre suas obras mais conhecidas encontram-se, de 1933, MARTINEZ ESTRADA, E. *Radiografía de la pampa*. Buenos Aires: Editorial Losada, 1968; e de 1940, MARTINEZ ESTRADA, E. *La cabeza de Goliath: Microscopia de Buenos Aires* 3. ed. Buenos Aires: Editorial Nova, 1957.

³⁸ ESPOSTO, R. H.; HOLAS, S.; HOLAS, I. “Rodolfo Kusch. La negación como apertura y desprendimiento”. In: BRAGA, M. F.; PORRAS, V. C.; MIRANDA, J. (orgs.) *Sentipensares sobre interculturalidad en nuestra América: apuntes desde la antropología filosófica de Rodolfo Kusch*. Chile: Universidad de La Serena, 2022. p. 66.

América sustenta: a sua natureza demoníaca e sua ficção urbana.³⁹ Longe de assumir um percurso sistemático ou de limitar-se a postulados sobre a verdade ou sobre as ideias metafísicas, a filosofia de Kusch questiona o objeto e os métodos tradicionais, na perspectiva benjaminiana de um “autor (ou coautor) como produtor”⁴⁰; uma filosofia que se desloca entre a práxis política e a hibridação cultural produzida pelas artes no contexto da neovanguarda latino-americana.

Trata-se de um *modus operandi* que se afasta da ideia de “intelectual puro”, o que abre caminhos para pensar as condições de possibilidade coexistentes da vida. Pois, segundo Kusch, essa ação filosófica deveria ser a tarefa e a decisão de uma filosofia americana. Ao combinar conceitos ressignificados da filosofia tradicional, a pesquisa de campo e a metodologia fenomenológica, sua produção opera, nas palavras de A. Viveros Espinosa, um descentramento do horizonte das perguntas⁴¹ sobre a ancestralidade das culturas americanas, a partir das quais ele apresentará sua contribuição epistémica conceitual, estética e formal. Daí decorre que algo em sua letra exceda os moldes da filosofia. A cultura da América profunda e ancestral emerge na sua escrita evidenciando um trabalho filosófico de entrada em campo, no campo do simbólico. Algo se expande na sua voz, nos seus registros radiais e fotográficos, nas memórias orais dos depoimentos de informantes organizados nos seus arquivos. Nessas ações, há algo transbordante dos discursos academicistas da filosofia e da história (sem desconsiderá-los); e isso que irrompe, para além da tradicional argumentação filosófica; ativa nossa escuta, deixando-nos tarefas-pistas, como migalhas de pão, balizando suas trilhas conceituais e experimentais, como sendas abertas que, pelo seu caráter de artefatos filosóficos provocadores e inacabados, têm sido pouco exploradas e aguardam para serem revisitadas e recriadas.

3. Da *Geocultura* para uma ontologia do corpo e do gesto

A cultura não é uma coisa [...] A cultura ante tudo é uma maneira: a maneira de se sacrificar por América. (R. Kusch, *Geocultura del hombre americano*).⁴²

Para pensar a cultura na perspectiva kuscheana, adentramo-nos no livro *Geocultura del hombre americano*, escrito em 1975⁴³. O texto apresenta quatro grandes partes. Na primeira parte⁴⁴, “El miedo a ser nosotros mismos”, questiona-se: por que precisamos de uma técnica para filosofar?

[...] Em caso que afirmarmos que o pensamento popular é genuíno é original, no sentido de *ab-origene*, então diríamos que o pensamento culto inverte a direção, contrariamente de apontar para algo do dizer, aponta para o como. Essa é a distância que media entre Plotino e Kant. Se o primeiro [Plotino] começa com uma reflexão ética é a partir daí lhe preocupa o conhecer, o segundo [Kant] começa com uma reflexão sobre o conhecimento, e é a partir daí [que parte para] a ética. Como o faz Ricoeur, para resgatar toda a dimensão do mito no mundo moderno, deve se invalidar em parte a proposta kantiana ou, o que é a mesma coisa, pensar ao contrário dos enciclopedistas. Eles colocaram em primeiro termo a técnica. Por quê? Mas, o que entendemos por técnica? Além do que corriqueiramente se diz ao

³⁹ SOLERO, F. J. Preguntar por lo que somos. Prólogo a la primera Edición. In: KUSCH, R. *La seducción de la barbarie*. Análisis herético de un continente mestizo. Obras Completas I. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 13.

⁴⁰ BENJAMIN, Walter. O autor como produtor. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, 27/04/1934. In: BENJAMIN, Walter. *Magia, técnica, arte e política*, Obras Escolhidas v. I. Trad. P. Rouanet, Brasiliense, São Paulo, p. 121-136.

⁴¹ VIVEROS ESPINOSA, A. “Enfoques sobre la filosofía de Rodolfo Kusch. El método, lo popular y el indígena como horizontes de pregunta en la filosofía americana”, *Alpha*, n° 46, Osorno, Chile, 2016, p. 215-232.

⁴² Todas as traduções de citações diretas são nossas.

⁴³ KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. In: KUSCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 5-231.

⁴⁴ KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. In: KUSCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 5-69.

respeito, digamos, para o que queremos expressar aqui, que a técnica implica essencialmente uma posta em prática do que se espera. Com a técnica se fecha um círculo. Se reitera o sabido antes que o dado. Se trata, por exemplo, em uma técnica de extração de minerais que consistem em sacar da natureza o mineral que já conhecemos e de que necessitamos. Por isso a técnica se aplica. Mas sempre se aplica a algo que se deseja aplicar, em um universo brando já conquistado, que não coincide totalmente com todo o cosmos. Por isso, no planteio, o técnico não parece [expressar] nada novo [...].⁴⁵

A técnica, segundo o pensamento moderno, é uma defesa contra o novo, o inesperado, o noumeno kantiano. A técnica, em termos academicistas, é, para Kusch, uma técnica alheia, imposta na América, que produz a desconexão com nosso espaço simbólico e provoca a esterilidade do pensamento, nesses termos de manipulação técnica de conceitos. O fazer do filósofo profissional ocidental, portanto, de nada serve aqui, na América. A isso, Kusch acresce que não se pensa nesta América não somente por não haver tais técnicas de contramão às academicistas, mas também por medo, por subjugação, o que o leva a concluir que as doutrinas da filosofia europeia não nos contemplam.

Em “Aproximación a una geocultura”, segunda parte da obra, Rodolfo Kusch trata da questão do solo e da sua gravidade de maneira simbólica. Um exemplo de seu pensamento é encontrado na sua ideia sobre as raízes geoculturais da Argentina. Essas raízes históricas pré-colombiana são mediterrâneas, afirma, “mal que pese a nós os portenhos”, e elas podem ser simbolizadas nos eixos culturais dos povos do Litoral (Misiones, Corrientes, Entre Ríos e Santa Fé), dos Vales Calchaquíes, e das comunidades da região de Cuyo. Buenos Aires ocupa um quarto lugar enquanto raiz geocultural e está atrelada ao processo da colonização, ao iluminismo, à escravidão e, depois das Guerras de Independência (1809-1829), ao bastião unitário e ao desenvolvimento do Estado-nação. A história mostra como se gesta a brecha entre as classes dominantes portenhas tentando transformar os valores de uso em valores de troca (Kusch cita Marx), e as classes populares das cidades do interior e das comunidades afro-ameríndias, cujos comportamentos estão enraizados em rituais orais, os quais aludem à busca pela sua salvação e ao pão na oração. Em outras palavras:

Por um lado, uma cultura que consiste, como toda a cultura, inclusive a europeia, em lograr habitar o mundo, ter domicílio nele, e considerar então o contorno como motivo da expansão natural, inclusive até o ponto de escolher o mar se fosse necessário; e, por outro lado, um mundo que não faz isso, mas que carece de centro, por ser alheio ao país. É que diante do fracasso prefere a violência para impor seus critérios. É como uma oposição entre um *estilo centrífugo* que se vá radiando de seu centro e um *estilo centrípeto* que busca um centro que não encontra. O drama argentino é que não se consegue coordenar o que é a infraestrutura popular com o que se dá de cima. Não coordenamos a decisão da minoria com a decisão popular. Por isso, a crise da nossa política.⁴⁶

Em “Ontologia cultural”, terceira parte do livro, Kusch aproxima-se da cultura, tomando-a por entidade, por intermédio da tecnologia e da língua. Ao refletir sobre o conceito de cultura, o filósofo a compreende como tudo o que concebemos, o que faz com que seja entendida corriqueiramente como algo exterior (alusivo ao campo dos comportamentos humanos observáveis):

Pode ser tomado em seu sentido antropológico quando se refere à cultura como entidade biológica. Isto é, quando falamos de cultura aimará ou francesa ou chinesa. De outro lado, definimos sob o termo cultura o fazer intelectual e artístico que se desenvolve nas cidades. Em ambos os casos, o conceito de cultura se

⁴⁵ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 10.

⁴⁶ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 90-92.

concebe como algo que está diante dos olhos. Mas, já mesmo nessa visão interior da cultura, em tanto olharmos outras culturas como a do camponês, não podemos menos que advertir, inclusive tecnicamente falando, que um indivíduo qualquer não consiste só em uma unidade biológica materializada no corpo, mas que o limite de sua razão de ser transcende seu corpo e se prolonga em sua cultura. Um homem não é só seu corpo, mas também sua maneira de comer, sua forma de pensar, seus costumes, sua religião, ou inclusive sua falta de religião.⁴⁷

Para o filósofo, o mero fato de se observar comportamentos de um grupo ou gestos não abre o sentido da cultura de tal grupo. A perspectiva de Kusch, então expressa na sua metodologia, tensiona o pesquisador entre o campo do observável, do gestual e o campo da pesquisa como processo relacional, em que não só se colocam em jogo a linguagem oral dialógica, mas também certa condição analítica dos valores que o próprio estar em campo dinamiza. Disso se trata a condição axiológica do solo em Kusch, elemento ao qual é possível se arraigar nos momentos mais críticos da vida e sentir que, materializado na cultura, estamos de alguma forma ligados a ele.

Nesse âmbito de tensões simbólicas, territoriais, políticas, religiosas, Kusch definirá a cultura como aquelas maneiras de estar e de pensar de um grupo humano que habita certo espaço geográfico. Com isso, o autor desenvolve sua proposta conceitual de uma *geocultura*, no sentido de domicílio que temos no mundo, um sítio. A acepção aí encerrada é a de “estar em casa”⁴⁸, que, por sua vez, significa um estar “da pele para dentro” e não um estar exteriorizado, em harmonia com os objetos do mundo. A “essência” desse “*estar sendo*” (*estar siendo*) encontra-se no pensamento indígena aimara, da região andina.

Além disso, no neologismo *geocultura*, convergem diversos elementos relacionados à geografia, às maneiras em que se expressam o cultural e as artes, aos cheiros percebidos, aos sons escutados, à materialidade do solo andado e da paisagem vista. Geocultura envolve também o que não se tem, as carências, ou aquilo que não encontra expressão, bem como engloba o demoníaco, o sagrado, o misterioso, o inexprimível. Ademais, Kusch sustenta, em *Geocultura del hombre americano*, que a cultura não expressa só o acervo espiritual que um grupo detém, aportado pela tradição, mas também se refere ao bastião simbólico no qual se refugiam os sujeitos humanos para defender o significado de sua existência. Não se trata, do mesmo modo, de um local essencial ou de um solo original/originário, mas de uma tomada de “posição”. Assim, cultura não é um objeto de estudo (sentido expresso pela filosofia moderna⁴⁹ enquanto *Objekt, Gegenstand* diante do sujeito cognoscente), e sim uma “decisão”⁵⁰ sobre o sentido da América, sobre o que significa o americano.

⁴⁷ KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 99.

⁴⁸ KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 27.

⁴⁹ Lembremos que, para pensar a questão do “objeto” na modernidade, o referencial hegemônico são as críticas kantianas. Kant, inspirado no racionalismo alemão, preocupa-se por diferenciar a Ontologia (ciência do Ser enquanto ser e seus predicados fundamentais) da Enologia (Ciência do um). Na *Crítica da Razão Pura*, Kant afirma que a Metafísica não pode ser tida por Ciência, pois está determinada pelo funcionamento da Razão que conduz para Ideias e não para “objetos construídos na experiência”. A Metafísica aborda a Ideia de Alma, de Mundo e de Deus, isto é, endereça-se para o incondicionado. Esse mecanismo da Razão expressa uma mera ilusão de conhecimento pleno, um “salto metafísico”, segundo as famosas palavras de Kant. Segundo esta perspectiva, podemos alcançar a “Ideia” de Alma, mas não a Alma enquanto objeto de conhecimento, a “Ideia” de Mundo e não o Mundo, e a “Ideia” de Deus, mas não o Deus. Em relação à Ontologia, no artigo *Progreso da metafísica de Leibniz e Wolff até nossos dias (1793/1804)*, Kant afirma que, sob o pretensioso nome de Ontologia, ele busca apenas pensar “as condições de possibilidade de articulação de um sujeito a um predicado”, pois essas condições sim produziram um tipo de conhecimento. E para que um conhecimento seja válido, deve se tratar de objetos válidos, e esses devem ser construídos na experiência. Kant, I. *What real progress has metaphysics made in Germany since the time of Leibniz and Wolff? (1793/1804)*. Trad. H. Allison e P. Heath. Cambridge University Press, 2009.

⁵⁰ KUSCH, R. *Geocultura del hombre americano*. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 119.

Para Rodolfo Kusch, o conceito de conhecimento (chave para compreender sua relação com os outros pensadores *latinoamericanistas*) se desloca para o de compreensão histórica. E sua crítica da história se afasta do ideal unilinear hegeliano, de um espírito racional e absoluto, para acercar-se da história na perspectiva que incorpora as formas ancestrais e as do *coloniaje*, propondo continuidade⁵¹ entre a cultura pré-colombiana – de peixes e condores dos Andes – e a atualidade argentina e latino-americana – de usinas atômicas⁵². Tal compreensão histórica precisa incorporar também outro conceito de história, pois, para Kusch, não há história exceto sobre a produção e sobre as necessidades do homem; longe dos feitos de grandes homens, elementos das narrativas com heróis que os historiadores transformam em doutrina. Mas encontramos na América profunda, nessa América negada, uma outra história ácrona, acorde à cosmovisão andina e aos mitos que se repetem, sem tempo, e que se sustentam na fé. Cosmovisão que não se assenta na ideia de progresso, mas que convive com a cultura colonial por meio de construção simbólica e mediadora do *criollo*. Como esclarece o filósofo:

Ainda há uma observação. E a questão é que o *criollo* na América constitui em parte a conciliação dos vetores. Isso nos faz duvidar de uma suposta evolução de um vetor para outro ao longo do tempo. Na América não há progresso, de um [vetor] para outro, talvez porque não seja natural [pensar em termos de progresso na América andina]. [Há] predominância de um deles, mas é lógico que ambos coexistam. O *criollo* concilia ambos porque guarda tudo o que diz respeito às coisas, ou seja, à relação sujeito-objeto, mesmo que seja no nível da travessura [picardia], de tal forma que ainda sustenta o outro vetor, como área de oração [plegária] sempre disponível onde se fortalecem a fé, a ética e a política popular.⁵³

Para pensar a cultura popular, no apartado “La cultura en busca de su geografía”, Kusch adverte que cabe, no entanto, incluir na filosofia os protocolos de pesquisa da Antropologia, especialmente em todo o que remete ao estudo de grupos humanos diferentes da cultura urbana e hegemônica na América. Esses protocolos pressupõem, metaforicamente, uma saída do cerco que nos coloca o ideal da civilização⁵⁴, afastando-nos da preeminência cultural sedutora e urbana atrelada ao avanço, ao progresso e à coisificação.

Esse movimento foi interpretado como um gesto pré-objetivo da sua filosofia, que destruiria a relação sujeito-objeto, expressão de imediaticidade com o mundo da vida. Entretanto, há também um trabalho potencial de incorporação concreta (coprodução/interação) no jogo geocultural. Pois, o problema da filosofia na América reside em saber quem é o sujeito do filosofar, afirma Kusch (ele não nega os objetos, mas não lhes outorga o poder constituinte), pois o discurso filosófico caracteriza-se por ter um sujeito só, que é um sujeito cultural. Daí advém a definição kuscheana: *a filosofia é o discurso de uma cultura que encontra seu sujeito*, entretanto nesta parte do mundo radica o problema de filosofar apenas com elementos do raciocínio do colonizador, do pensante europeu, negando a própria cultura, as próprias formas de enunciação. Porquanto os sujeitos se totalizam com o gesto cultural⁵⁵ (que em Latinoamérica inclui os gestos ancestrais incorporados nisso que nomeamos corpo-arquivos do popular) e se efetivam,

⁵¹ KINEN, Antonio. El itinerario de Kusch. In: RUBINELLI M. L. (org.). *Reflexiones actuales sobre el pensamiento de Rodolfo Kusch*. Jujuy: EDIUNJU, 2001. 35-47.

⁵² Lembremos que Argentina foi o primeiro país da América Latina a usar energia nuclear e que a usina nuclear *Atucha 1* entrou em operação em 1974. Para compreender os esforços de pesquisa sobre energia nuclear nos anos de 1960 nesse país ver <https://pt.energia-nuclear.net/usinas-nucleares/lista/argentina>.

⁵³ KUSCH, R. La negación en el pensamiento popular. In: KUCH, R. *Obras Completas II*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 614-615.

⁵⁴ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 183.

⁵⁵ Retomaremos este tópico na seguinte seção: *Para uma ética do gesto geocultural: danças da América Latina como vector de abordagem contra hegemônico*.

assim, como cultura⁵⁶. E, pensando o poder significante do ritual questiona: “Poderá se afirmar então que a distância que media entre o saber indígena e nosso é semelhante ao que existe entre um saber de salvação e um saber de domínio, por utilizar a dualidade criada por Max Scheler”.⁵⁷ Para Kusch, em toda investigação corresponde supor que se dão três áreas sucessivas de penetração nos fenômenos estudados até chegar ao conhecimento: a área fenomênica, a área teórica e a área genética; sendo esta última uma hipótese posterior às duas anteriores, que versa sobre uma causa (sobre a existência de um ponto central que sustenta a vitalidade de um grupo) que escapa ao pensamento meramente científico para o qual é mais dotada a Filosofia⁵⁸.

Para pensar os procedimentos e problemas da investigação, a proposta metodológica que Rodolfo Kusch realiza não remete tanto ao encontro da racionalidade histórica “no” objeto pesquisado. Porque a lógica com que a metafísica tradicional pensa o objeto de conhecimento é justamente a que impede uma aproximação a outras lógicas ou cosmovisões não ocidentais que lhe dão sentido histórico à enunciação da *Abya Yala*. Diante das culturas ancestrais, a tarefa do sujeito que faz filosofia (nesse caso, um homem portenho) não deve se aproximar do “outro” como um objeto, mas de uma auto-observação, de uma análise, de um processo espiralado de compreensão histórica da própria subjetividade latino-americana, reconhecendo – afirma Kusch em tom nietzscheano, em “El vacío intercultural” –, até que ponto se consegue tolerar a racionalidade do ancestral e do diferente⁵⁹. Em consequência, do geocultural emerge uma perspectiva subjetiva (ética) possível na práxis do encontro, convivial, e uma coletiva (política) concreta, a de se sacrificar por América⁶⁰ incorporando o excluído, gestando espaços comunitários e, fundamentalmente, reescrevendo a história.

Na seção “El verdadero sentido del suelo”, e para se distanciar de pensamentos deterministas, essencialistas ou nacionalistas, Kusch esclarece:

Por trás de toda cultura sempre está o solo. Não se trata do terreno disposto como a rua Potosí em Oruro, ou Corrientes em Buenos Aires, ou a pampa, ou o altiplano, mas sim [de] um fardo no sentido de ter os pés no chão, como ponto de apoio espiritual, mas que nunca pode ser fotografado porque não pode ser visto.⁶¹

O filósofo também se questiona: “Todo pensamento sofre com a gravidade do solo ou é possível alcançar um pensamento que escapa à toda gravitação?” [Tradução nossa]. Sua resposta ontológica implica incorporar o processo histórico, produzir mais que conhecimento, isto é, possibilitar uma compreensão desse processo histórico que significa hoje América. Pois a cultura na América Latina, nesse sentido, implica certa defesa existencial, uma estratégia – não sem tensões – diante da alteridade. Portanto, se não tivéssemos esse molde/arcabouço simbólico da cultura, espécie de âncora que nos fundeia em uma certa forma de ver, esse lastro mítico, esses elementos que produzem uma identificação a um grupo humano, não teríamos os rudimentos para enfrentar o misterioso, a novidade ou o incompreensível da vida.

Assim, a noção de geocultura propõe este duplo olhar sobre o pensamento latino-americano: de um lado, o geográfico e as maneiras do cultural, de outro, as relações históricas e os laços desenvolvidos gravitando o solo pelos povos ancestrais da América.

⁵⁶ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 18.

⁵⁷ KUSCH, R. El pensamiento indígena y popular en América. In: KUCH, R. *Obras Completas II* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 329.

⁵⁸ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 209.

⁵⁹ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 204.

⁶⁰ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 105.

⁶¹ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 109.

Modos possíveis de estar em América se dão na dicotomia fedor/pulcritude. O fedor de América apresenta a maneira mítica e religiosa de instalar-se na terra onde o homem habita sua paisagem e comparte com a natureza e seus deuses no espaço comunitário estruturado simbolicamente: é essa a América profunda.

Enquanto resultado das pesquisas realizadas à luz de técnicas da Antropologia cultural na região andina, a conceituação do pensamento, no horizonte geocultural proposto por Kusch, é, então, expressão ou produto de uma reflexão situada; um sintoma das relações plurais que se esboçam como um enraizamento ao solo e, por sua vez, na possibilidade do indeterminado a vir. Por isso, Kusch pode afirmar que “a cultura não vale porque a criem os indivíduos ou porque tenha obras, mas porque é absorvida (em termos de Kusch fagocitada) pela comunidade [que a incorpora], pois ela vê naquela [obra/ação/ritual] uma especial significação.” O procedimento de incorporação é o trabalho que marca o cultural.

Para concluir seu livro, em “El estar siendo como estructura existencial y como desición cultural americana”, retorna para essa sua perspectiva ontológica chave, subvertendo a preeminência do ser sobre o estar⁶². As pessoas americanas, observa o filósofo, sofrem um abandono existencial, advertindo a divergência entre a existência concreta na América e a proposta do que se deveria ser, segundo a cultura ocidental. O desgarramento ontológico entre o que nomeia *mero estar* e o *ser* sobrevive nas pessoas americanas; elas descobrem que estão de uma maneira, mas devem lograr ser de outra, pela demanda desse ideal social capitalista. Vectores que foram pensados por Kusch no território simbólico americano como duas forças: uma centrífuga (que se expandem desde um centro mito poético ancestral) e outra centrípeta (que busca um centro inexistente transplantado a América pela colonização). A força cultural centrífuga, relativa ao trabalho ancestral de habitar este continente, materializa-se na construção de marcos territoriais, saberes transmitidos pelos corpo-arquivos, crenças, símbolos e laços comunitários; entretanto, a força centrípeta, associada à imposição cultural da colonização, que pela carência de raízes comunitárias (associadas a formas e à vitalidade de um grupo) impõe formatos deslocados das tradições, dos ritos e das memórias ameríndias e afroameríndias que conformam a história da América profunda.

Mas, Kusch não fica nessa única camada, ele se aprofunda e busca transpassar o empírico em que se dá a experiência histórica dos fatos; na procura de aspectos que considera fundamentais ou “seminais” para o “saber sapiencial”⁶³. Procura as condições de possibilidade da própria história na América Latina. No livro *América profunda*, Kusch havia articulado sua indagação a partir da antinomia ser/estar, como releitura da analítica existencial do ser-aí (*Da-sein*) de M. Heidegger elaborada em *Ser e Tempo* (1927). Para Kusch, contudo, o conceito de *estar* remete a um âmbito que se esquia e precede a qualidade do ôntico, pré-recinto⁶⁴ do ser e realidade material fundamental, a que não acessamos pela reflexão racional ou pela linguagem verbal, mas pela via de outras linguagens: a linguagem gestual, a expressividade do símbolo e do rito. Kusch, então, investiga profundamente essas linguagens em que se manifestam aspectos das culturas ancestrais quéchuas e aimará, na Puna argentina e boliviana. Percebe aí uma espécie de consciência ancestral das culturas americanas em que se forja a possibilidade de um contradiscurso, advindo do pensamento popular, oposto ao discurso racionalista, ocidental e eurocêntrico.

⁶² Como esclarece Buela “A tensão entre o *ser alguém* da atividade burguesa e a cidadina e o *estar ai* do índio americano e do homem de campo produz a estrutura existencial genuína de América que é a do *criollo* com seu *estar sendo*. Esta última categoria tem um antecedente ilustre dentro do pensamento argentino na figura do antropólogo cultural Bernardo Canal Feijoo (1897-1982) e sua caracterização dos americanos como “seres estando” (tradução nossa). BUELA, A. Papeles para un seminario sobre G.R.Kusch (1922-1979) In: *Pensamiento de ruptura*. Buenos Aires: Teoria, 2008, p. 179.

⁶³ KUSCH, R. Pozo de América. *Obras Completas IV*. Rosario: Fundación Ross, 2007, p. 41.

⁶⁴ KUSCH, R. El estar como pré-recinto del ser. In: KUCH, R. *Obras Completas III*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 536-537.

Fica então a tarefa de assumir um sujeito filosofante da América, que não somos nós, mas o que chamamos de povo, ou outro de Dussel, mas que em nosso caso é outro corporizado, real.⁶⁵

O corpo toma aqui um novo sentido para o campo cultural americano. Para Claudio Ongaro Haelterman, a proposta kuscheana para uma filosofia da nossa América aponta para o movimento que passa de uma “arqueologia do saber” para uma “arquitetura do corporal” acorde como mencionamos, à metodologia de uma Antropologia aplicada. Isso implica uma análise de formas gestuais, rituais e perceptuais do estar, antes de tudo, da assunção desse *estar* como elemento para uma filosofia americana. Dessa intuição surgem diversos questionamentos, a saber, como o corpo – segundo sua dis-posição, sua arquitetura, sente, pensa, dança as formas do *estar* na nossa América? Que valores culturais expressam as proposições gestuais dos rituais e das danças, sejam elas ancestrais, folclóricas, de pequenos povoados do interior ou das grandes cidades do continente mestiço? Como a lógica da negação, expressão dos silenciados da América, clama no corpo-arquivo popular, nas fitinhas, nos lenços e no abraço das danças de nosso povo mestiço? Dedicaremos a próxima seção à corporalidade como elemento crucial na proposta filosófica kuscheana.

4. Para uma ética do gesto geocultural: notas sobre filosofia do corpo como vector contra-hegemônico em Rodolfo Kusch

Interessa-nos avançar na ontologia kuscheana atrelada a sua concepção do *estar sendo*; na fluência impura da vida que se opõe, ou prescinde, à pureza do ser e ao mero estudo do dado (ôntico). Nesta seção, propomos penetrar na concepção do gesto e do corpo na América, linguagem expressiva e geocultural situada do povo. Dentro do estilo próprio da letra kuscheana, chamou-nos muito a atenção sua aproximação de uma filosofia da dança como vector contra-hegemônico para pensar a cultura. Fruto das observações de campo, encontramos diversas camadas dessa corporalidade da América que, transfigurando-se em diversos sentidos (metafórico, ritual, representacional, cultural, histórico ou político), retorna insistentemente na sua vasta obra.

Perseguindo suas pegadas, encontramos três âmbitos em que o autor aborda a dança: o primeiro, fruto do seu convívio com o mundo andino através da retomada da sua cosmovisão, suas manifestações rituais, religiosas e diabos; o segundo, resultado da convicção do encontro com o divino no pensamento popular, nas tradições rurais e no folclore argentino; e, em um terceiro âmbito, deparamo-nos com os gestos autorreflexivo e autoetnográfico, suas considerações sobre o corpo na cidade de Buenos Aires, plasmada na sua filosofia do tango.

Para contextualizar historicamente as reflexões kuscheanas, diremos em um breve excurso que, nesse momento histórico de sua produção, na América se desencadeou a Revolução Cubana (1959) - tornando palpável o poder revolucionário da luta do povo -, difundiu-se também um profundo e renovado debate sobre a definição de cultura, de poder, de educação, de história e de filosofia, à luz dos processos concomitantes de descolonização mundial. Em Argentina, o ideal de justiça social, de independência econômica e de soberania política promovidos pelo peronismo sofrem uma grande fratura no golpe militar (1955), que levou o líder ao exílio até 1973. O peronismo havia sido, justamente, um movimento representante de camadas sociais sistematicamente desconsideradas pelo Estado e pelas classes dominantes argentinas anteriores. Os movimentos populares, segundo E. Laclau, conjunto heterogêneo de demandas insatisfeitas⁶⁶, encontraram no peronismo um âmbito de reconhecimento. Na busca de progresso seletivo, o princípio político, social e econômico da classe dominante Argentina,

⁶⁵ KUSCH, R. Geocultura del hombre americano. In: KUCH, R. *Obras Completas III* Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 109.

⁶⁶ LACLAU, E. *A razão populista*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2013.

até a assunção do peronismo, havia-se orientado pela máxima estratégica do lema alberdiano “*gobernar es poblar*”, reconfigurando as regiões litorâneas do país como produtivas e esquecendo do interior, bem como congelando o investimento e relegando-o a um segundo plano da corrente produtiva e, por conseguinte, da trama sociocultural emergente.

Durante a primeira metade do século XX, estendeu-se a dicotomia decimonônica expressa em termos sarmientinos como civilização e barbárie, filosofia (racista e excludente) que fundamentou a necessidade de opressão para o progresso nacional. As classes dominantes fundamentaram, assim, o aniquilamento de inúmeros povos ameríndios pré-colombianos, de comunidades afrodescendentes e *criollas*, junto à eliminação de suas práticas religiosas e sagradas, representantes de uma suposta barbárie que Rodolfo Kusch teve a coragem de voltar a olhar, a conviver e a partir dessa convivência a co-pensar, como ficou expresso no seu livro *América profunda*.

Kusch busca uma leitura a contrapelo da Argentina como nação branca da América do Sul, expressando a necessidade de se adentrar sem medo nas realidades das populações originárias, ameríndias, aborígenes, autóctones, pois considerou esse o primeiro passo para a realização de uma filosofia latino-americana. Situa-se, nesse círculo de busca, na tentativa de *redes-cobrir, re-conhecer, conviver e visibilizar*, as múltiplas identidades pré-colombianas (que pareciam desaparecidas); sobreviventes nas comunidades autóctones e *criollas* ou pós-coloniais, cujas manifestações não se reportaram como representantes dos Estados Nacionais. Isto é, não se materializaram como “arquivos” da cultura oficial, mas, como mostra Diana Taylor, consolidam os “repertórios” desses corpo-arquivos, repertórios gestuais latentes das comunidades ancestrais da América⁶⁷. O reconhecimento dessas identidades significou um trabalho filosófico de campo junto a corpos e linguagens negados pelo discurso hegemônico. Kusch aporta um tratamento direto com as comunidades dessa América profunda⁶⁸, ativado pela filosofia do peronismo, pela Etnografia Cultural que buscava desdisciplinar-se, mas também pela influência do uso da tecnologia na pesquisa cultural, como o gravador e a câmera fotográfica, metodologias às que se soma a lente do Cinema Social Latino-americano emergente. Todas essas são expressões desse momento cultural em que Ciências e Artes se colocam à disposição da luta política, da busca de emancipação do povo e da denúncia social, contra o neocolonialismo econômico.

Nesse circuito, as massas populares, que se deslocam para as grandes cidades na Argentina, aproximam a alteridade com seus corpos dos centros de produção e conhecimento; provocando e desconstruindo o lugar antropológico tradicional do índio, do aborígene, do *criollo*, como objeto de pesquisa e abrindo passo a uma nova etnografia cultural na Argentina.⁶⁹ Os corpos indóceis que se aproximam das cidades “brancas”, reinscrevem com eficácia as linguagens e os enunciados gestuais expressos nas performances do povo ancestral negado.

Nos âmbitos acadêmicos desse período, e dentro do domínio do estudo da cultura popular, os conceitos de corpo, ritual, ancestralidade, religião e dança⁷⁰ são debatidos à

⁶⁷ TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

⁶⁸ Segundo a explanação de Esposto: “A partir de 1958 Kusch comenzó sus viajes en tren al noroeste argentino, a la puna de Salta y Jujuy, que continuo a inicios de los 1960 más allá de la Quebrada de Humahuaca, en las zonas más recónditas del altiplano boliviano y peruano. En estos viajes, equipado 17 de una grabadora a cinta y de su máquina fotografica, registro las entrevistas e historias de los informantes indigenas sobre ritos, costumbres, dichos y cantos, expresiones y habla en aymara y quechua. [...] acumuló un importante acervo de documentación sonora y fotografica de un mundo y su tiempo que, visto hoy con retrospectión, iba desapareciendo bajo la imponente fuerza de la modernidad a la que estos pueblos se resistían cobijados en la altura y en los valles”. ESPOSTO, R. H. Rodolfo Kusch, una invitación. Beccar: Poliedro Editorial de la Universidad de San Isidro, 2023, p.17-18.

⁶⁹ GUBER, R. *La etnografía, método, campo y reflexividad*. Bogotá: Norma, 2001.

⁷⁰ No artigo *La cuestión coreográfica de las danzas tradicionales argentinas*, Aricó sustenta que foi o ensino acadêmico o que modificou os padrões coreográficos das fontes investigadas em campo. Ele nomeia a essa transposição “danças tipo” (reconstrução ideal de certo fenômeno coreográfico) como opção para o ensino,

luz da descolonização do conhecimento na América. Acompanhando as redefinições de corpo e de gesto, a desconstrução de discursos hegemônicos sobre raça, nativo, origem, fronteira, arquivo, patrimônio, entre outros conceitos, estavam sendo subvertidos, colocando em xeque os pressupostos epistêmicos colonialistas da Antropologia tradicional, da Filosofia da Cultura e das Histórias da Arte, em termos eurocêntricos. Decerto, para compreender o corpo dentro do complexo problema que significa definir a “cultura”, é importante retomar, mesmo que brevemente, a discussão sobre o sentido do corpo, do gesto e da dança, desenvolvida pela Antropologia cultural e pela etnografia contemporânea.

Para a antropóloga americana Joann W. Kealiinohomoku (1930–2015), referência indiscutível desse debate, toda forma de dança é um reflexo das tradições culturais no interior das quais são desenvolvidas. Sua discussão evidencia que a Antropologia tradicional, a História da Dança e reconhecidos folcloristas, durante muito tempo, tiveram amplas limitações para refletir sobre o significado gestual do corpo e principalmente, sobre as formas não ocidentais da dança. A imperícia e o eurocentrismo, argumenta, consolidaram axiomas sob bases epistemológicas iluministas assentadas no racismo científico, exprimindo certo paternalismo ao definir tradições étnicas não ocidentais. Diferente das danças ocidentais “conscientes” ou “brancas”, a gestualidade das danças não ocidentais foi associada a formas “primitivas” – realizadas com movimentos “inconscientes”, “naturais”, próprios de uma “raça” impura, com “componentes inatos ou de sangue”⁷¹. A antropóloga denuncia que essa visão expressa também uma concepção imutável das comunidades não industriais, dos usos do corpo e de seus rituais e danças; concepção essa que só faz sentido dentro de uma matriz evolucionista da história⁷². Após anos de pesquisa, J. W. Kealiinohomoku traça um conceito específico para distinguir a dança de esportes e de rituais⁷³. Sua crítica recai naqueles que concebem a dança como entidade monolítica e homogênea da cultura, em termos de “danças africanas”, “danças

mesmo que seja conflitivo para a história do folclore o problema da autenticidade “tradicional”. O uso de coreografia tipo de cada dança folclórica é apenas uma estratégia didática. Contudo, sustenta que, no estudo comparativo de inúmeros documentos, as coincidências geográficas, históricas e de estrutura coreográfica são quase absolutas dentro da Argentina e em redor de antecedentes europeus, já que o povo tomou os bens culturais que o satisfaziam e adaptou ou converteu em ‘próprio’. Afirma, portanto: “Nuestros distintos grupos sociales fueron (y son) muy felices con los bienes adoptados y jamás cuestionaron su origen, como nos sucede a nosotros tanto que muchos de nuestros padres son europeos y no por eso nos sentimos menos argentinos. Además, recordemos que los pueblos de Europa corrieron la misma suerte porque cada danza creada espontáneamente en un país determinado se difundió más allá de su territorio, y cada nuevo lugar que la recibió la adaptó a placer y en muchos casos hasta le cambió el nombre. En conclusión, no hay folklore en el mundo que no esté influenciado por otra cultura”. ARICO *Acerca de las Danzas*. Buenos Aires: Academia Nacional del Folclore, 1979. s/n.

⁷¹ SOREL, W. *The dance through the ages*. New York: Grosset and Dunlop, 1967, p. 14.

⁷² A *querelle* sobre a origem da dança procurou suas fontes nas descobertas arqueológicas e nos modelos ilustrados de grupos nomeados primitivos. Essa estratégia é inoperante para Kealiinohomoku, quem desiste dessa procura pela origem, pois as danças ilustradas em cavernas ou em vasilhas são muito posteriores à chegada do homem na Terra. Entre as divergências da antropologia para definir a origem da dança e seu sentido, elencam-se concepções como que a dança foi a primeira forma de comunicação, ou que nada teve a ver com essa origem nem com a comunicação até se tornar uma arte, oscilando entre a concepção de que a dança teria um fim bem preciso e consciente, para a ideia de que dançar é algo absolutamente espontâneo com fins de divertimento; uma atividade grupal tribal que existia apenas para o prazer pessoal de quem dançava. KEALIINOHOMOKU, J. W. *A comparative study of dance as a constellation of motor behaviours among African and United States negroes*. Evanston, Illinois: Northwestern University, 1965, p. 6. Citado em KEALIINOHOMOKU, J. W. “Uma antropóloga olha o Ballet Clássico como uma forma de dança étnica”. In: GUILHON, G. *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013, p. 124-25.

⁷³ “A dança é um modo de expressão efêmero, executado numa forma em um estilo determinado pelo corpo humano que se desloca através do espaço. A dança toma forma por meio de movimentos rítmicos controlados, escolhidos com um objetivo preciso; o resultado de tal atividade é aceito enquanto dança, tanto pelo dançarino quanto pelos membros de um determinado grupo observando a situação”. KEALIINOHOMOKU, J. W. *A comparative study of dance as a constellation of motor behaviours among African and United States negroes*. Evanston, Illinois: Northwestern University, 1965, p. 6. Citado em KEALIINOHOMOKU, J. W. “Uma antropóloga olha o Ballet Clássico como uma forma de dança étnica”. In: GUILHON, G. *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013, p. 123-142.

índigenas americanas”, inclusive ao conceber o “balé clássico” como estático, pois isso constitui apenas uma ficção prototípica da alteridade cultural.⁷⁴

Aprofundando nessas discussões sobre o estatuto do gesto e da dança para pensar a cultura que o produz, a antropóloga Gertrude Kurath incrementa que as dicotomias entre dança étnica e artística dissolvem-se se as observamos a partir do lugar que ocupam na vida de cada comunidade e grupo, para além da reprodução de uma “classe” ou “tipo” de dança particular. Nesse sentido, G. Kurath propõe, para o estudo no campo do folclore e das danças populares, o conceito de coreologia ou, o que Theresa Buckland nomeou Etnografia da Dança, ciência antropológica que confronta principalmente o evolucionismo e que concebe a práxis e a teoria juntas⁷⁵, como metodologias de trabalho de campo. Alargando mais ainda a discussão, a antropóloga A. Kaeppler⁷⁶ destaca que o estudo da dança revela – sob uma análise aprofundada, a desigualdade social, seus comportamentos, sistemas culturais, filosofias ou cosmovisões.

Observamos que as considerações sobre o rito, o gesto e a dança, tarefas habitualmente associadas à Antropologia, são interpoladas para o campo da filosofia na obra de Rodolfo Kusch. O filósofo desenvolve uma discussão que abre as portas para a corporalidade andina dentro da sua própria trama e cosmovisão ancestral, em diálogo com informantes. Mas Kusch propõe uma visão crítica das tentativas “positivas” e “nacionalistas” da geração anterior; representadas, na Argentina, por Carlos Vega (na leitura e sistematização do corpo e da coreografia através de coordenadas da etnomusicologia) ou, no Brasil, por Mário de Andrade (que, em sua *Missão de Pesquisas Folclóricas* (1938), na tentativa de compilar músicas e danças, desejava “mostrar o Brasil aos brasileiros”).

No contexto geocultural estudado por Rodolfo Kusch, o carnavalito e outras danças andinas, do altiplano (planalto andino americano), são manifestações culturais transnacionais, expondo uma leitura não nacionalista da cultura ancestral americana. Assim, a cultura andina borra as fronteiras nacionais entre o noroeste da Argentina, o norte do Chile e o ocidente da Bolívia, junto ao centro e sul do Peru, região nomeada “Puna”. Nessa comarca transnacional, o filósofo produziu algumas das suas mais importantes pesquisas. Comparou essa convivência com um ritual de investigação que, para ele, enquanto homem de cidade, parecia estar na beirada do reino do inteligível e do tenebroso, uma espécie de inferno (âmbito revelador segundo sua teoria) nas costas da América⁷⁷. O inferno e o diabo, no carnaval andino, orientam-nos para categorias/concepções kuschianas como a da “astúcia”, do “símbolo”, do “jogo sem resolução” e do “saber do tenebroso”, que o filósofo irá opor ao campo do “saber lúcido”. Nesse sentido, Kusch afirma que o sapiencial (saber constituído pela tradição) pula as barreiras erguidas pelo conhecimento sob a *ratio* do saber lógico e nacional-ocidentalista.

No âmbito *geocultural* andino de ritos ancestrais observamos como os territórios compartilham ritmos musicais indígenas pré-colombianos, entre eles, o Tinku (Bolívia) e o Huayno (Perú). Ao observar as informações extraídas dos trabalhos etnomusicológicos mais antigos realizados nessa região por Carlos Vega⁷⁸, por volta de 1930, acessamos a definição do carnavalito como uma dança com influências ameríndias com caracteres

⁷⁴ Discute com a antropologia tradicional que caracterizou as danças de grupos étnicos como aquelas dos povos do Pacífico, dos indígenas americanos ou das tribos africanas; e ironiza com a comunidade e certos bailarinos clássicos que se espantam com a ideia de que a dança clássica seja também uma forma de dança étnica, fundamentalmente aqueles que a consideram a expressão histórica máxima das artes do espetáculo. KEALIINOHOMOKU, J. W. *A comparative study of dance as a constellation of motor behaviours among African and United States negroes*. Evanston, Illinois: Northwestern University, 1965, p. 6. Citado em KEALIINOHOMOKU, J. W. “Uma antropóloga olha o Ballet Clássico como uma forma de dança étnica”. In: GUILHON, G. *Antropologia da Dança I*. Florianópolis: Insular, 2013, p. 124-25.

⁷⁵ KURATH, Gertrude Prokosch. *Choreology and Anthropology*. In: *American Anthropology*, 58, 1956, p. 177-179

⁷⁶ KAEPLER, Adrienne. A dança segundo a perspectiva antropológica. In: CAMARGO, Giselle G. A. *Antropologia da Dança I*. Florianópolis, Ed. Insular, 2013, p. 97-121.

⁷⁷ KUSCH, R. América Profunda In: KUCH, R. *Obras Completas III*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 151-152.

⁷⁸ SÁNCHEZ, N. M. *El carnaval antiguo y el carnavalito moderno documentados por Carlos Vega en la Puna y la Quebrada de Humahuaca, Jujuy*. Instituto de investigación musicológica “Carlos Vega”. Buenos Aires: Educa, 2018.

próprios da região da Quebrada de Humahuaca, na província de Jujuy. Na tentativa ilustrada de desvendar esse ritual dançado, Carlos Vega esclarece que era praticado na festa de Carnaval; sendo que os primeiros carnavalitos eram dançados em roda (como uma ciranda), adotando com o tempo uma forma coreográfica de duplas enlaçadas em trilhas e outros desenhos espaciais. Esse comentário etnográfico ou história ancestral do carnavalito (apesar de buscar tipologias para uma sistematização da cultura argentina) expressa que o “ritual” das danças andinas ancestrais também sofreu mudanças, tornando-se, no século XX, uma “coreografia” ou performance cultural. Parece incômodo para um leitor como Vega e sua geração a evidência de que os rituais não possuem uma forma “coreográfica” estática e partilham relações para além das fronteiras nacionais.

Trinta anos depois, nos anos de 1960, Rodolfo Kusch descreve sob outra chave epistêmica essa corporalidade da cultura andina expressa no carnavalito e nas festas religiosas. Na sua convivência com o carnavalito adverte a dinâmica ritual de um jogo (performance geocultural) conformado por dois deslocamentos básicos: um passo arrastado e um passo com salto, ao que se incorporaram figuras coreográficas coletivas como o espelinho, o trombo, o molinete e as fileiras em zigue-zague e o caracol.⁷⁹ O jogo, entendido como performance geocultural, ativa para ele um lastro mítico da comunidade, na combinação de dança, diabos, canção, indumentária e toque etc. E essa manifestação cumpre um papel não evolutivo dentro de uma cosmovisão específica, na qual emerge seu sentido simbólico. Contudo, se bem o carnaval cristão é introduzido na colonização pelos espanhóis, o movimento corporal andino não pode ser lido por meio de essas coordenadas meramente ocidentais. O carnavalito traça relações corpóreo-vocais ancestrais que fogem, sem deixar de dialogar, com esse horizonte do carnaval cristão, pelo qual é importante retornar, com Kusch, ao contexto geocultural indígena, sem o medo de contemplar de forma diferente o corpo, longe das regras que o separa do *cogito*.

Para a filosofia andina, a conexão entre o ser humano e o cosmos não se dá em termos de sujeito-objeto como na filosofia ocidental, mas por intermédio do elemento relacional. Os pressupostos culturais andinos distam de valores aparentemente universais como o de *cogito*, indivíduo, responsabilidade pessoal, interioridade e autenticidade.⁸⁰ Por isso não encontramos uma necessidade de inovação exibicionista na dança, sendo ela jogo com outros e não para outro (público). O ser humano, nesse paradigma, não é autossuficiente nem isolado; mas cumpre uma função enquanto co-laborador cósmico desde um lugar (*topos*) dentro de um conjunto de relações, passível de ser pensado como detentor de uma identidade funcional. Na cosmovisão andina, não se trata de uma determinação topológica, mas de uma caracterização ética em que se outorga um lugar específico a seres humanos e não humanos na manutenção da ordem cósmica. Ademais, tampouco se trata de dualismo psicofísico (corpo/mente), mas sim de uma entidade integral, relacional, em si e para os outros e a natureza. Na língua aimara, corpo é *janfoi* e espírito, *ajayu*; nessa cultura ancestral, transmite-se que a alma é sempre corporificada. Os usos do corpo seguem os princípios da cosmovisão andina, cuja gestualidade se expressa na caminhada, nas procissões religiosas e constituem modos corporizados de transmissão de valores e princípios que regulam essa organização social coletiva; enfatizando a intersubjetividade e a experiência coletiva do movimento como compreensão integrada do mundo habitado⁸¹.

A fruição de outra dança andina (realizada na festa cristã de Natal) transparece no pensamento e na escrita de Rodolfo Kusch, dentro de um discurso autorreflexivo indireto e alegórico. O “gesto sincrônico” do giro na dança andina natalina das tranças lhe produzem um efeito revelador sobre a “mecanicidade” com que estamos elaborando nosso pensamento em América. Ao tentar pensar na forma do pensamento e da filosofia nacional que o *corpus* acadêmico realiza, lança como metáfora um olhar sobre essa dança andina realizada na Quebrada de Humahuaca, Jujuy:

⁷⁹ ARICÓ, H. *Carnavalito*. Danzas argentinas I e II. Buenos Aires: Ed. Matias, 1996.

⁸⁰ ESTERMANN, J. *Filosofía andina. Sabiduría indígena para un mundo nuevo*. La Paz: ISEAT, 2006, p. 219.

⁸¹ ESTERMANN, J. *Filosofía andina. Sabiduría indígena para un mundo nuevo*. La Paz: ISEAT, 2006.

Especialmente entre nós [americanos] se dá uma diferença notória entre o filosofar como puro pensar e a filosofia, e o primeiro leva forçosamente a duvidar do corpus [ocidental]. Acontece o mesmo que com a dança das tranças natalinas na Quebrada: continua-se trançando e destrançando o que está depositado no *corpus*. Mas, pode ocorrer o pior, aceitar o filosofar como pensamento e não como repetição e, então, os pés se enroscam [*entreveram*] porque perdemos o ritmo do conjunto. Está no meio o problema de que nossa dança não seja a adequada, e não são precisamente os mais criativos os que possam realizá-la.

Então poderia haver um erro no tipo da dança. O problema não está em haver trançado todas as fitas, mas em que, o que se nomeou filosofia, não é o *corpus* real. Coloca-se então um problema político, consistente em ver como devemos destrançar as fitas, para trançá-las de acordo com um *corpus* realmente nacional e que não se incomodem os dançantes. O estado atual da questão se reduz à dança própria, ou seja, talvez fazer o ridículo de dar passos inadequados. E nisto vai a responsabilidade do pensador⁸².

O contraste recai numa filosofia cuja técnica é o puro pensar. E, como Carlos Cullen enfatiza em seu comentário desse fragmento, sempre existe um grande risco que significa pensarmos com nossos próprios pés⁸³, dançarmos a própria dança, mesmo que isso geste um caos, um *entrevero* (termo do *lunfardo* usado também para falar de uma confusão ou dos pés entrelaçados do tango fazendo ganchos).

Fica expresso que não há uma tentativa em Kusch de descrição direta do gesto corporal, mas de interpolar procedimentos de análise gestual e ritual a partir da sua convivência e afeição enquanto filósofo, elucidando aspectos comunicativos do gesto cultural emergentes na performance popular. Então, não se trata aqui da dança andina, por um lado, e da filosofia da cultura ou da ontologia kuschiana, por outro. Propomos pensar que a letra kuschiana é o elemento de eclosão desse encontro com a enunciação gestual e o pensamento popular latino-americano. Isso expressa um diálogo possível com as perspectivas metodológicas de abordagem elaboradas (nos anos 1980 em diante) pelo cruzamento entre a Antropologia cultural, a Antropologia do ritual⁸⁴ (*liminaridade*) e os Estudos da Performance que incorporam diversas teorias; propondo investigar as manifestações culturais comunitárias como performances culturais, sendo os pesquisadores-artistas concebidos “dentro” do processo de trabalho-ação em campo, e não como observadores participantes⁸⁵.

Avançando sobre nosso objetivo, propomos a leitura de “La zamba y los dioses”⁸⁶, texto em que Rodolfo Kusch ensaia uma outra perspectiva de abordagem do corpo gestual e do sagrado americano a partir da zamba argentina. Dentro dos gêneros populares do folclore do norte argentino, este ritmo, com sua poética excepcional, tem se difundido hoje em todo o país. A etnografia da dança afirma que a zamba deriva da zamacueca, difundida no Peru como marinera, na Bolívia e no Chile como cueca chilena. Cada variante é uma nova dança, mesmo que todas – pela via da zamacueca – provenham do fandango espanhol. Diferente de uma dança guerreira ou de um ritual de passagem, a zamba na Argentina toma essa condição de linguagem amorosa, com o acréscimo do lenço na mão utilizado pela dupla de dança. Destaca-se pela sua forma musical dialógica, com letras belíssimas e estrofes convencionais. Os compositores seguem sempre o formato de

⁸² KUSCH, R. Aportes para uma filosofia nacional. In: KUSCH, R. *Obras Completas IV*. Rosario: Fundación Ross, 2010, p. 24.

⁸³ CULLEN, Carlos La América profunda busca su sujeto. De cómo entiende la filosofía Rodolfo Kusch, In *Espacios de crítica y producción*, n° 43, Facultad de Filosofía y Letras de la UBA, Buenos Aires, 2010.

⁸⁴ Não desenvolveremos este tema mas mencionamos entre suas referências principais estão Victor Turner e Arnold Van Gennep. Turner, V. W. *O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura*. Trad. de N. C. Castro. Petrópolis: Vozes, 1974.

⁸⁵ LÓPEZ GALLUCCI, N. M. Saberes Da Nossa América Incorporada: pesquisa e criação intermedial a partir da filosofia da cultura de Günter Rodolfo Kusch. *Rev. Nupeart*, v. 28 n. 01 (2024): *Elaboração das Artes como campo de conhecimento*, Udesc, Santa Catarina (no prelo)

⁸⁶ KUSCH, R. La zamba y los dioses. In: KUSCH, R. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 284-294.

introdução (geralmente 8 ou 10 compassos), uma primeira unidade formal ou estrofe (de 12 compassos que se repete) e um refrão (12 compassos), constituindo uma “vuelta” (parte). Essa estrutura se repete, compondo a sua forma coreográfica de duas “vueltas” (partes) com um marcado suspense entre ambas e um final. Corriqueiramente, sua forma musical é descrita como: Introdução – A – A – B (pausa) – Introdução – A – A – B⁸⁷. Mas, nessa repetição, escondem-se estratégias estéticas e gestuais populares de fraseio, aceleração, giro, contraste, variação e suspensão.

Para que serve a zamba? Pergunta que Rodolfo Kusch, na condição de homem portenho, faz perante esse gênero musical triste da região de Santiago del Estero, que se orgulha do violão e não do piano. Uma dança que se dança em qualquer festa popular e é descrita como “um ritual” de homem e mulher que se confrontam com o olhar, que mexem os lenços ao som dos violões, traçando círculos como uma mandala para, finalmente, ela se deixar conquistar. Uma espécie de argumento amoroso que balbucia o povo e nada mais.

A letra kuschena, assumindo uma análise filosófica da dramaturgia da zamba, enfatiza a direção do olhar e a gestualidade dessa coreografia; e segundo o filósofo, nutre alegoricamente argumentos sobre uma atitude histórica do pensamento latino-americano; na distinção entre os modos de vida das grandes cidades e do interior rural:

E, é natural, aqui em Buenos Aires pensarmos estritamente no futuro do país, e nunca em seu passado, nem tampouco no que vai além dos Pampas. Para os Pampas como para o passado nada há, entretanto para o futuro temos tantas coisas [No entanto] a zamba vai para atrás [...] a zamba nos fascina⁸⁸.

Em direção aos Pampas (para o interior do país), como em direção para o passado, nada há. Entretanto, para o futuro temos tantas coisas - destaca-, mas a dança da zamba, na sua condição de girar o torço para trás produz, no homem urbano, um fascínio.

Essa dança contrasta com o tempo acelerado das grandes cidades, espaços da produção cultural, de conhecimento, do progresso econômico; sem tempo para se aborrecer, pois, no espaço urbano, deve ser mostrado quem cada um é. Na sua condição de dança suspendida no tempo, pausada, que arremete com velocidade e volta para o encontro do imóvel, do nada, do mero estar, a zamba representa um tratamento cíclico do tempo. Sendo a primeira frase uma caminhada que traz a possibilidade e a necessidade de ralentar o tempo, em seguida, pela mudança do passo básico ao passo com repique e *staccato*, muda-se a enunciação gestual; a zamba provoca uma conversação ritual, onde ninguém “diz” quem é nem o que quer alcançar (o fim é incerto), como nas corporalidades e vocalidades das cidades; na zamba ninguém exprime seu fim, ninguém fala, apenas há um dizer dos lenços acariciando o ar, em suspenso.

Na zamba, assim como veremos depois no tango, os corpos dos intérpretes avançam com o torço ereto, mas dissociado do eixo corporal, girado para o parceiro ou a parceira, sem perdê-lo/la de vista. A zamba se dança com o corpo e com o lenço ativos; corpo endereçado para o par de dança que se aproxima e se afasta, como o toureiro com sua muleta vermelha diante do touro. Estar dissociado significa que, enquanto se avança na pista de baile, está sendo contemplado o movimento do par de dança “de lado” que deixa uma esteira, um vestígio no espaço ocupado, um rastro do tempo. Inclusive, no final de frase, após a figura circular do “arresto”, os dançarinos voltam para suas bases sem parar de se olhar, caminhando ligeiramente para trás e cumprimentando-se com os lenços. Esse olhar nos remete ao *Angelus Novus* (1932), de Paul Klee, analisado por W. Benjamin nas suas famosas *Teses sobre o conceito de história* (1940)⁸⁹. Mas, na dança da zamba,

⁸⁷ FALÚ, Juan. *Zamba*. In: MARTINEZ, Ximena (Org). *Cajita de Música* (livro digital), Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación, 2011. Disponível em <http://www.educ.ar/sitios/educar/recursos/ver?id=113729>. Acessado em: 1 jul. 2024.

⁸⁸ KUSCH, R. La zamba y los dioses. In: KUSCH, R. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 286-287.

⁸⁹ BENJAMIN, W. Obras escolhidas. vol. 1. *Magia e técnica, arte e política*. Ensaios sobre literatura e história da cultura. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232

convivem dois corpos em um tipo de movimento, dois olhares *al sesgo* (de lado), duas direções no espaço comunitário da dança, endereçadas para o ínfimo momento transcorrido que sobrevive, mesmo que seja parte do passado.

O tempo se tece no espaço, pois a polirritmia característica da zamba produz uma alteração sonora do foco perceptual no público: entre o acento binário da célula coreográfica básica (a caminhada) e a célula ternária com a aceleração em três tempos de um passo com repique (advinda do pericón, da mazurca e da valsa europeia). A essa estratégia estética popular da pisada à terra (binária/ternária) se soma o jogo de desenhos e marcações rítmicas do lenço no espaço aéreo da dança. Então, para além dos desenhos criados pelo deslocamento, a concepção tridimensional da dança conecta os pés enraizados ao lenço ao céu elevado. A zamba é um rito triste⁹⁰, que provém do norte e que nos fascina (à classe média portenha); sua dança é simples⁹¹: uma dupla solta se confronta no espaço, que, para o autor, representa dois princípios opostos que buscam conjugar-se.

É que o povo não fala a mesma linguagem que nós. Seu abecedário não tem letras, apenas formas, movimentos, gestos. E não é que o povo seja analfabeto, mas que quer dizer coisas que nós já não dizemos. Porque de onde vem se não o sentido ritual da zamba, sua coreografia, cada um de seus episódios tão regulamentados e tão conservados até nós? Será possível que o povo só quis expressar o flerte de um casal...não pode ser, verdade?⁹²

O povo tem a capacidade de escrever e dançar a zamba, tem a capacidade de simbolizar, capacidade tal que os homens da cidade já não têm, acredita Kusch. Aí está o simbolismo do antigo testamento, do pensamento andino, das crenças chinesas antigas, em que a dualidade se expressa como símbolo hebraico de Adão e Eva. O deus inca Viracocha, desdobrado em homem e mulher, e o Yin e o Yang; círculo de duas partes, uma clara e outra escura, dividido por uma linha ondulada, como no ritmo da zamba, dividindo o cosmos em partes iguais, como um sábio equilíbrio.

No espaço sagrado demarcado pela peregrinação inicial dos intérpretes da zamba, se estabelecem lugares dentro desse espaço coreográfico ovoide. Como se pedissem permissão aos ancestrais, antes de ocupar o centro da pista de baile, os dançarinos circulam afastados, antes de penetrar o mistério espacial inefável do centro. Quando a dupla se encontra, o calor dos corpos recobre um espaço energético que se consolida na sequência coreográfica do “arresto”. O giro centrífugo da zamba é um deslocamento do primordial, sem espaço e sem tempo, que, em seguida, desdobra-se em duas partes que se expandem, afastam-se, sem se perder de vista. Essa técnica gestual de subtração de movimentos e determinação do início e do fim da pausa suspendida, que permite o câmbio de frente no giro, demanda um domínio interpretativo que requer, como todo ritual, uma grande concentração.

Somando perspectivas sobre a importância do gestual, deslocando a contemplação da filosofia da zamba para os corpos no território urbano, Rodolfo Kusch se ocupa do ritual do tango. Entretanto, esta perspectiva está modulada por estar refletindo sobre uma gestualidade que remete à sua própria geocultura. Entre os anos de 1940 e 1955 – acorde a época de formação e início da carreira de Kusch –, o tango vivia na Argentina sua era de ouro. Situando historicamente esse momento icônico da expansão e coroação desse estilo observamos também que atravessou, principalmente, as massas populares urbanas emergentes. E Kusch foi testemunho dessa época de ouro que entra em decadência nos anos de 1960. Sua menção da famosa Calle Corrientes, em “La luna y el tango”, expressa a experiência do tango como a concretização de uma cultura emergente

⁹⁰ KUSCH, R. La zamba y los dioses. In: KUSCH, R. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 286

⁹¹ Esta é uma apreciação de Kusch com a que não concordamos. A zamba é uma das danças folclóricas argentinas mais complexas de dançar pela sua cadência, os silêncios, a necessidade de domínio rítmico na caminhada com dois passos básicos e concatenadamente o trabalho expressivo da dupla com o lenço.

⁹² KUSCH, R. La zamba y los dioses. In: KUSCH, R. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2000, p. 284-290.

desde o povo, assombrada pela vasta empresa comercial, na qual intervêm cantores, capitais e um imenso público⁹³.

No processo histórico de reconfiguração social na bacia do Prata, que se dá após a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870), a dança e o abraço de tango⁹⁴ característico, e, depois, o estilo musical que recobriu essa gestualidade emergente⁹⁵, foram se consolidando paulatinamente como modelo de representação social rioplatense⁹⁶, no circo *criollo*⁹⁷, no teatro com *variété*, na literatura, no rádio, com suas orquestras e cantores/as, e, em seguida, no cinema.

Na primeira metade do século XX, a técnica corporal do tango, constituída por uma gestualidade diferenciada de qualquer outra na história mundial da dança, catalisava elementos nômades⁹⁸ corporais expressivos dos gaúchos, dos *compadritos*, dos afrodescendentes, dos imigrantes, dos operários e das classes médias das urbes nascentes. Longe de ficarem ocupando espaços marginais, o grande diferencial dessa manifestação adotada pelas classes médias nascentes – principalmente em Uruguai e Argentina, e depois de Gardel, para toda a América Latina –, recaiu na centralidade que esses corpos adquiriram enquanto expressão social.

O processo de constituição da gestualidade corporal e vocal do tango se evidencia no cinema argentino, âmbito em que se gesta seu segundo nascimento, e que pode ser considerado hoje uma fonte audiovisual de primeira ordem para sua história⁹⁹. No cinema argentino clássico e industrial, impõe-se o discurso hegemônico vocal e corporal do tango, que capta o pluriverso¹⁰⁰ do drama social urbano e rioplatense, em contraponto com o drama social rural e da América profunda. No território conceitual marcado pela aparente polaridade entre o rural, o afroameríndio e o urbano, Rodolfo Kusch se reporta como um leitor inusitado: penetra o gesto e o aparelho expressivo do tango dança desde sua fenomenologia, que propõe uma inversão da metafísica para o pensamento americano.

O ensaio *Filosofía del tango* (1952-3) marca um dos movimentos incipientes de Rodolfo Kusch endereçado à cultura popular urbana, um giro com relação a sua formação estética e metafísica. Nesse texto breve, ele desenvolve um mapa conceitual sobre a natureza existencial do gênero. Não parte da literatura nem da música, mas da dança como metáfora de um pensamento que flui. Define ontologicamente o tango como um costume arraigado na vida portenha¹⁰¹, condição do *estar* na cidade em detrimento do ser. Pois, quando se procura alguma essência ou verdade profunda na vida portenha, afirma, encontra-se o tango; não como objeto positivo, revelado ou iluminado de sua cultura – espécie de essência –, mas como a expressão de um abismo.

⁹³ KUSCH, R. La luna y el tango. In: KUSCH, R. Indios, porteños y dioses. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2010, p. 272.

⁹⁴ Temos abordado este tópico em LÓPEZ GALLUCCI, N. M. *Cinema, corpo e filosofia: contribuições para o estudo das performances no cinema argentino* (Tese de Doutorado) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, SP, 2014 e sugerimos também SAVIGLIANO, Marta. *Tango and the political economy of passion*. Oxford: Westview, 1995.

⁹⁵ Uma das famosas teses lançadas pelo etnomusicólogo Carlos Vega era a de que a grande diferença do tango, aquilo que o caracteriza, na sua época de emergência social, era sua articulação coreográfica, sua dança, aplicada a diversos estilos musicais ainda não consolidados como linguagem de tango em termos musicais. VEGA, Carlos. Acerca del origen de las danzas folklóricas argentinas. *Revista del Instituto de Investigación Musicológica "Carlos Vega"*, n. 1, p. 9-10, 1977.

⁹⁶ LAMAS, H.; BINDA, E. *El tango en la sociedad porteña 1880-1920*. Unquillo: Abrazos, 1998.

⁹⁷ SEIBEL, Beatriz. El tango en el circo y el espectáculo. En *Tango tuyo, mío y nuestro*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, 1995.

⁹⁸ Sugerimos para este tema PELINSKI, Ramón (org.). *Tango nómada. Ensayos sobre la diáspora del tango*. Buenos Aires: Corregidor, 2000.

⁹⁹ Sugerimos para este tema. LOPEZ GALLUCCI, N. M. Coreografías traçadas na luz. O tango dança no primeiro cinema argentino. *Vivomatografías. Revista de estudios sobre precine y cine silente en Latinoamérica*, Buenos Aires, 2016.

¹⁰⁰ SABATO, E. (Org.). *Tango, discusión y clave*. Buenos Aires: Losada, 1963.

¹⁰¹ KUSCH, R. *Filosofía del Tango*. In: KUSCH, R. *Obras Completas IV*. Rosario: Fundación Ross, 2010, p. 191-195.

O tango é uma passagem. Um instante em que passamos a fronteira dos bons costumes para mergulhar no reverso, na falta de bons modos, ou a consumação definitiva de *estar* é ter estado, desde a eternidade, na cidade¹⁰².

O tango é um túnel para outro lado da realidade urbana, algo fora do tempo. Sua plasticidade demoníaca e contorcida mantém uma relação filosófica com a verdade existencial desde o corpo, *lócus* expressivo incômodo para a filosofia ocidental. O tango é ainda duplamente verdadeiro, pois funde os corpos dos indivíduos na performance. E esses indivíduos esfumam as diferenças (de gênero, classe e identificação étnico-racial), gestando uma espécie nova, uma nova personagem híbrida, mestiça; a dupla de tango é expressão de uma verdade americana, tão híbrida e mestiça como essa dança; personagem indivisa tão potente que o compara com uma cisão reveladora e precisa da experiência americana pelo viés do movimento. O tango, escreve, explicita essa verdade profunda [*honda*], a mumifica, a pendura de cada estaca em que descansa o compasso e já não a mexe, levando o movimento, pela via de sua reflexão filosófica, para o campo do imóvel (pré-temporal), do seminal da paisagem, do inanimado. Em diálogo com a estética filosófica, Rodolfo Kusch afirma que algo vinculado a essa dança e a esse gesto permite um emergir como imagem, metáfora de vida nua e plena que se detém enquanto forma sem conteúdo:

A vida se visualiza no tango e por isso se detém e ao ser seccionada mostra sua estranheza de ser simples vida, paixão ou conteúdo sem forma. Portanto, o tango implica uma condenação. A vida condena-se a ser simples vida, sem aquele algo que lhe dá um fim. É por isso que ele se contorce e é por isso que ele chora. A tragédia é que não há mais possibilidade de opção, nenhum modo de ser, exceto aquele que contém o corte e o requebro [*quebrada*]. Com o movimento do oito [*ochol*], o dançarino assina a possibilidade de viver durante um instante a vida nua.

Segundo o filósofo, a contorção característica do tango que se repete ciclicamente na efemeridade dessa dança abre uma fresta existencial ao intérprete pelo túnel regressivo da vida. Trata-se de um retorno ao aspecto seminal da vida, cujo fim é recôndito, sem perspectiva além da gestação do puro movimento. Para Kusch, a gestualidade do tango pode ser definida nos termos de um ritual urbano, um rito de passagem¹⁰³. Na sua coreografia improvisada e popular, por meio do *corte* (detenção da dança para o enfeite) e da *quebrada* (requebro ou abaixamento espiralado do corpo), expressões do eixo dissociado do tango¹⁰⁴, os dançarinos desafiam os corpos alongados da máscara urbana. Por trás do tango dançado, expressa-se o silêncio paradoxal do ser humano, subtraído do tempo cronológico e do mundo, na concentração do improviso¹⁰⁵, em um estar furtado dos fins e das expectativas sociais. Kusch vê na performance de tango uma opção fugaz para suportar o fracasso, o peso da existência, e viver ou compartilhar com outro, por alguns minutos, a vida nua, a vida sem mais. Antecipa, assim, os versos de Cátulo Castillo, quando, em 1956, escreve:

¹⁰² KUSCH, R. *Filosofía del Tango*. In: KUSCH, R. *Obras Completas IV*. Rosario: Fundación Ross, 2010, p. 191.

¹⁰³ KUSCH, R. *Filosofía del Tango*. In: KUSCH, R. *Obras Completas IV*. Rosario: Fundación Ross, 2010, p. 191.

¹⁰⁴ Temos abordado este tópico em LOPEZ GALLUCCI, N. M. *Cinema, corpo e filosofia: contribuições para o estudo das performances no cinema argentino* (Tese de Doutorado) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, SP, 2014.

¹⁰⁵ Nesse ponto, Rodolfo Kusch é um precursor dos estudos filosóficos e antropológicos sobre o corpo no tango conhecidos que se gestam a partir da concepção foucaultiana e corpo como heterotopia nos *Tango Studies* disseminados pelas universidades de Europa e Estados Unidos nos anos de 1990. Para esses temas FOUCAULT, M. *El cuerpo utópico. Las heterotopias*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010. HESS, Remi. *Le moment tango*. Paris: Anthropos, 1997.

*Conte-me sua condena
diga-me seu fracasso,
Você não vê a pena que tem me ferido?
E fale-me simplesmente
De aquele amor ausente
de trás um caco de esquecimento [...]
Não vê que venho de um país
que está de olvido, sempre cinza,
por trás do álcool?¹⁰⁶*

Para Rodolfo Kusch, o tango expõe um processo doloroso de vivisseção que expõe o nada, a falta de transcendência humana nessa busca cotidiana dos homens e mulheres que vivem na ficção colonial, moderna e cidadã. Sob esse olhar teleológico, o tango aniquila toda classe de fins, toda utilidade. É amargamente verdadeiro, assim como a suspeita da inutilidade da vida é uma forma de expressar o sentimento portenho de que se vive à toa, em um *mero estar* extemporâneo, anacrônico ou arcaico, ao imposto sujeito urbano pelo capitalismo.

Daí que o tango tenha o valor de uma palavra muito usada, mas com um estranho poder de chegar a substituir quase sempre toda palavra [...] A palavra não designa mais que uma coisa por vez, enquanto o tango percorre toda uma escala, o compreende todo, precisamente porque se detém no momento da criação, da vida primigênia, onde jazem, antes de definir-se em opostos, a inteligência e a emoção, a verdade e a falsidade, a palavra e o sentimento, o espírito e a terra, o ser e o não-ser¹⁰⁷.

A literatura tanguera, sua música e, principalmente sua dança, expõem o que “somos”, no encontro de modos de enunciação gestual do povo procurados pela filosofia de Rodolfo Kusch nos âmbitos de convívio das milongas; com todas as contradições e falsos ideais que a geocultura urbana coloca ao sujeito. O tango é a conciliação dessa dupla vetorialidade entre o pensamento e a emoção. Pode ser compreendido, filosoficamente, como uma maneira de abordar a carência existencial própria do capitalismo implantado na América, na decisão de criar, para encontrar formas de habitar e estar neste mundo. Em palavras de Kusch, assumir a desgraçada responsabilidade de ter que começar aqui, em América, tudo novamente. Porque, nessa responsabilidade, na convivência como forma arcaica e na retomada da cosmovisão americana, na inclusão dos saberes excluídos e negados, na incorporação do processo histórico como defesa existencial do lastro mítico, nesse *estar sendo* metaforizado no ritual da dança, residiria uma das formas possíveis da libertação do nosso povo americano.

5. Algumas conclusões: corpo e enunciação filosófica na nossa América

Iniciamos este breve artigo retomando o contexto em que surge a obra de Rodolfo Kusch, nesse momento histórico pós-revolução cubana (1959) tempo em que se gesta a Filosofia da Libertação. Sucintamente, abordamos alguns aspectos da sua ontologia, que, optando pela lógica da negação como fio condutor de sua filosofia, recusa a pureza do ser e se ampara no *estar sendo*, na expectativa de que possa, assim, emergir o sujeito da filosofia nestas terras. Esse sujeito é o povo. Valendo-nos de suas intuições, ideias e produções conceituais, muitas delas importantíssimas para o grupo de filósofos da libertação, encaminhamo-nos pelas tensões históricas, simbólicas e territoriais que Kusch desenvolve na sua concepção de *geocultura*. Trilhamos o desafio de invocar sumariamente

¹⁰⁶ Contame tu condena, decime tu fracaso, ¿no ves la pena que me ha herido? Y hablame simplemente de aquel amor ausente tras un retazo del olvido. [...] ¿no ves que vengo de un país que está de olvido, siempre gris, tras el alcohol CASTILLO, C. *La última curda*. Música: A. Troilo, 1956.

¹⁰⁷ KUSCH, R. *Filosofia del Tango*. In: KUSCH, R. *Obras Completas IV*. Rosario: Fundación Ross, 2010, p. 191.

a proposta kuschiana concluindo que, no caminho de uma “epistemologia mestiça”, tem peregrinado ao encontro de cacos da enunciação filosófica da nossa América outorgando ao corpo e à gravidade do solo um lugar preponderante.

E, se como destacam Esposto, Holas e Holas, a obra de Kusch, adianta-se em várias décadas a esse aspecto indisciplinado dos projetos decoloniais atuais¹⁰⁸, assim como das discussões levantadas pela Antropologia simétrica, os Estudos da Performance e os Estudos Culturais, observamos que ainda a corporalidade, o gesto e o ritual da dança, elementos fundamentais de sua busca, continuam sendo tópicos resistidos quando retomada sua obra. Isso, apesar de ele mostrar o teor axiológico que essas danças ameríndias pré-coloniais, rurais e urbanas expressam na materialização de relações históricas, entre o coletivo e o absoluto. Esperamos que este percurso evidencie a importância do autor na crítica da razão ocidental; e anelamos iniciar assim, uma série de trabalhos nessa direção, seguindo a letra de Rodolfo Kusch. Esta foi nossa maneira de aceitar seu convite para caminhar nas pegadas do diabo nas terras de ritmos andinos; instando-nos a prender o ar diante do sábio equilíbrio das pisadas da zamba, entre olhares e lenços suspensos no cosmos sonoro do violão; e a revidar nossa faca crítica para atravessar a passagem aberta pelo texto gestual do tango; dança essa desenhada com *firuletes* pelos homens e mulheres da contraditória e demoníaca modernidade urbana.

Referências

- AHUMADA, M. *Sentipensar América: anotaciones a partir de la filosofía de Rodolfo Kusch*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Fundación CICCUS, 2021.
- ARICO H. *Acerca de las Danzas*. Buenos Aires: Academia Nacional del Folclore, 1979. s/n.
- ARICÓ, H. *Carnavalito. Danzas argentinas I e II*. Buenos Aires: Ed. Matías, 1996.
- BALLESTRIN, L. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, nº11. Brasília, 2013, p. 89-117.
- BAUER, C. F. *Método Kusch: la voluntad entre el estar y el “ser”-ego el camino del estar- siendo para un nuevo pensamiento abyayalense (“americano”)*. Rodolfo Kusch filósofo de la liberación. Goiânia: Editora Phillos, 2019.
- BAUER, C. F. *El vuelo del colibrí. América honda. América entrecultural. Superación interior del capital. Vademécum de una filosofía orbital*. Goiânia: Editorial Phillos, 2019.
- BÉHAGUE, G. Boundaries and Borders in the Study of Music in Latin America: A Conceptual Re-Mapping. *Latin American Music Review*, vol. 21, nº 1, 2000, University of Texas Press. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/i231932> Acessado em 01/07/2024.
- BENJAMIN, W. “Teses sobre o conceito de filosofia da história (1940)” In: *Obras escolhidas. Vol. 1. Magia e técnica, arte e política. Ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1987, p. 222-232.
- BENJAMIN, W. “O autor como produtor”. Conferência pronunciada no Instituto para o Estudo do Fascismo, 27/04/1934. In: BENJAMIN, W. *Magia, técnica, arte e política, Obras Escolhidas v 1*. 3ra edição. Trad. P. Rouanet, Brasiliense, São Paulo, 1987, p.114-120.
- BUELA, A. *Pensamiento de ruptura*. 1a ed. Buenos Aires: Teoría, 2008.

¹⁰⁸ ESPOSTO, R. H.; HOLAS, S.; HOLAS, I. Rodolfo Kusch. La negación como apertura y desprendimiento. In: BRAGA, M. F.; PORRAS, V. C.; MIRANDA, J. (orgs.) *Sentipensares sobre interculturalidad en nuestra América: apuntes desde la antropología filosófica de Rodolfo Kusch*. Chile: Universidad de La Serena, 2022, p. 68

BUELA, A. "Papeles para un seminario sobre G. R. Kusch (1922-1979) para aquellos que quieren pensar libremente sin ningún certificado o paper como meta" In: BUELA, A. *Pensamiento de ruptura*. 1a ed. Buenos Aires: Teoría, 2008, p. 178-185.

CAMARGO, R. *Performances culturais: um conceito interdisciplinar e uma metodologia de análise. Narrativas ficcionais e escritas da história*. São Paulo: Hucitec, 2013.

CASTRO-GÓMEZ, S. *Crítica de la razón latinoamericana*. 2a ed. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana: Instituto Pensar. Colciencias, 2011.

CASTRO-GÓMEZ, S. "(Post)Coloniality for Dummies: Latin American Perspectives on Modernity, Coloniality, and the Geopolitics of Knowledge". In: MORAÑA, M.; DUSSEL, E., JÁUREGUI, C. A. (Org.) *Coloniality at Large: Latin America and the Postcolonial Debate*. New York: Duke University Press, 2008.

CASTRO-GÓMEZ, S.; GROSFUGUEL, R. *El giro decolonial: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Siglo del Hombre Editores; Universidad Central - Pontificia Universidad Javeriana, Instituto Pensar, 2007

CECCHETTO, S. Nueve tesis (metafísicas) sobre Rodolfo Kusch. Cuartas Jornadas del Pensamiento Filosófico Argentino "La obra de Rodolfo Kusch", Homenaje a los 10 años de su muerte, 2-4/11, Buenos Aires, 1989. Disponible em <http://www.fepai.org.ar/paginas/afilosofiaIV.html> Acessado em 9/10/2024.

COSTA, A. V.; PALTÍ, Elías "Os lugares das ideias na América Latina". In: COSTA, A. Vidal; PALTÍ, E. (Orgs) *História intelectual e circulação de ideias na América Latina nos séculos XIX e XX*. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2021, p. 5 -13.

CUELLO, N. I. "Acerca del concepto y la práctica de la danza folklórica", Congreso Nacional de Folklore de Laguna Blanca, Formosa In: ARICO, H. *Acerca de las Danzas*. Buenos Aires: Academia Nacional del Folclore, 1979.

CULLEN, C. "La América Profunda busca su sujeto. De cómo entiende la filosofía Rodolfo Kusch". *Espacios de crítica y producción*, 43, Buenos Aires: UBA2010, p. 88-98.

CULLEN, C. "Ser y estar. Dos horizontes para definir la cultura", *Stromata* 34, 1-2, 1978, p. 43-52.

CULLEN, C. El estar precede al ser (Kusch) como presupuesto para plantear la interculturalidad. Coloquio Internacional: "Pensar la Interculturalidad". Canal CIEL Universidad de La Serena, 2020. Vídeo de 37:58 min. Disponible em: https://youtu.be/4_F6y9F-B4o. Acesado em 16/03/2024.

DERRIDA, J. *Mal de arquivo: uma impressão Freudiana*. RJ: Dumará, 2001.

DURANTE, B.; BELLOSO, W. *Danzas folklóricas argentinas. Método para la enseñanza de las danzas folklóricas argentinas: su coreografía y su música*. Ed. J. Korn. Buenos Aires, 1965.

DUSSEL, E. *Filosofia da libertação*. São Paulo: Loyola, UNIMEP, 1976.

ESPOSTO, Roberto H. *Rodolfo Kusch, una invitación*; Beccar: Poliedro Editorial de la Universidad de San Isidro, 2023.

ESPOSTO, R. H.; HOLAS, S.; HOLAS, I. "Rodolfo Kusch. La negación como apertura y desprendimiento". In: BRAGA, M. F.; PORRAS, V. C.; MIRANDA, J. (orgs,) *Sentipensares sobre interculturalidad en nuestra América: apuntes desde la antropología filosófica de Rodolfo Kusch*. Chile: Universidad de La Serena, 2022.

ESTERMANN, J. *Filosofía andina. Sabiduría indígena para un mundo nuevo*. La Paz: ISEAT, 2006.

FALÚ, J. *Zamba*. In: MARTINEZ, X. (Org.) *Cajita de Música* (livro digital), Buenos Aires: Ministerio de Educación de la Nación, 2011. Disponível em <http://www.educ.ar/sitios/educar/recursos/ver?id=113729> Acessado 01/07/2024.

FONTES, C. "Encuentros con dueños, duendes y diablos: intersubjetividad, movimiento y paisaje en los caminos de las Quebrada de Humahuaca". *Rev. Ciências Sociais e Religião*, Campinas, v. 22, 2020.

FOUCAULT, M. *El cuerpo utópico. Las heterotopías*. Buenos Aires: Nueva Visión, 2010.

GÓMEZ-PEÑA, Guillermo *Em defesa da arte da performance* Trad. Bruna N. da Costa Triana In: DAWSEY, J, (Org) *Antropologia e Performance. Ensaio Napedra*. Terceiro Nome, 2015.

GUBER, R. *La etnografía, método, campo y reflexividad*. Bogotá: Norma, 2001.

Kant, I. *What real progress has metaphysics made in Germany since the time of Leibniz and Wolff?* (1793/1804). Trad. H. Allison e P. Heath. Cambridge University Press, 2009.

KEALIINOHOMOKU, J. W. *A comparative study of dance as a constellation of motor behaviours among African and United States negroes*. Evanston, Illinois: Northwestern University, 1965, p. 6. In: KEALIINOHOMOKU, J. W. *Uma antropóloga olha o Ballet Clássico como uma forma de dança étnica*. In: GUILHON, G. *Antropologia da Dança I* Florianópolis: Insular, 2013.

KINEN, A. *El itinerario de Kusch*. In: RUBINELLI M. L. (Org.) *Reflexiones actuales sobre el pensamiento de Rodolfo Kusch*. Jujuy: EDIUNJU, 2001. 35-47.

SACHS, Curt. *Historia universal de la danza*. Trad. A. Jasclevich. Buenos Aires: Centurión, 1944.

KAEPPLER, A.L. *A dança segundo a perspectiva antropológica*. In: CAMARGO, Giselle G. A. *Antropologia da Dança I*. Florianópolis, Ed. Insular, 2013, p. 97-121.

KAEPPLER, A. L. *Dance in Anthropological Perspective*, In: *Ann. Review of Anthropology*. 7: 31-49, 1978.

KUSCH, R. *Obras Completas I*. Rosario: Fundación Ross, 2000.

KUSCH, R. *Obras Completas II*. Rosario: Fundación Ross, 2000.

KUSCH, R. *Obras Completas III*. Rosario: Fundación Ross, 2000.

KUSCH, R. *Obras Completas IV*. Rosario: Fundación Ross, 2007.

KUSCH, R. "El hombre de América" *Archivo Radio Nacional*. In: KUSCH, R. *La Fe de los antiguos. Charlas para vivir en América (Voz do Rodolfo Kusch)*. Disponível em <https://archive.org/details/LaFeDeLosAntiguosRodolfoKusch>. Acesado em 01/02/2024.

KUSCH, R. *Exposición acerca de su libro El Pensamiento Indígena americano en el programa radial Taller de la Palabra, Radio Nacional Argentina (Voz de Rodolfo Kusch)*, 1963.

LACLAU, E. *A razão populista*. São Paulo: Editora Três Estrelas, 2013.

LAMAS, Hugo; BINDA, Enrique. *El tango en la sociedad porteña 1880-1920*. Unquillo: Abrazos, 1998.

LÓPEZ GALLUCCI, N. M. *Saberes da nossa América incorporada: pesquisa e criação intermidial a partir da filosofia da cultura de Günter Rodolfo Kusch*. In: *Elaboração das Artes como campo de conhecimento*, *Rev. Nupeart*, v. 28 n. 01 2024, Udesc, Santa Catarina (no prelo).

LOPEZ GALLUCCI, N. M. *Coreografías traçadas na luz. O tango dança no primeiro cinema argentino*. *Vivomatografías. Revista de estudios sobre precine y cine silente en*

Latinoamérica, Buenos Aires, 2016. Disponível em: <http://www.vivomatografias.com/index.php/vmfs/article/view/101> Acesado em 10/01/2024.

LOPEZ GALLUCCI, N. M. *Cinema, corpo e filosofia: contribuições para o estudo das performances no cinema argentino* (Tese de Doutorado) Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, SP, 2014.

LUGONES, M. "Hacia Metodologías de La Decolonialidad." In: LUGONES, María, et al. *Prácticas OTRAS de Conocimiento(s): Entre Crisis, Entre Guerras*. Tomo III, CLACSO, 2018, p. 75–92. Disponível em: <https://doi.org/10.2307/j.ctvn96g99.6> Acesado em 12/7/ 2024.

MARTINEZ ESTRADA, E. *Radiografía de la pampa*. Buenos Aires: Losada, 1961;

MARTÍNEZ ESTRADA, E. *La cabeza de Goliat*. Bs As: Sol 90, 2001.

MATE, R.; GUARIGLIA, O.; OLIVE, L. *Filosofía iberoamericana del siglo XX, II. Filosofía práctica y filosofía de la cultura*. Madrid: Trotta, 2017.

MAUSS, M. As técnicas corporais. In: MAUSS, Marcel. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: EDUSP, 1974. p. 209-233.

MIGNOLO, W.; Walsh, C. *On ecoloniality. Concepts, analytics, praxis*. UK: Duke U. Press, 2018.

MIGNOLO, W. Introduction. In: KUSCH, R. *Indigenous and popular thinking in América*. Trad. M. Lugones e J. M. Price. Durham: Duke University Press, 2010.

PALTI, E. J. *Giro lingüístico e história intelectual*. Stanley Fish, Dominick LaCapra, Paul Rabinow y Richard Rorty Buenos Aires: Universidad Nacional de Quilmes, 2012.

PELINSKI, Ramón (Org.). *Tango nómade. Ensayos sobre la diáspora del tango*. Buenos Aires: Corregidor, 2000.

PEREZ, J. P. El Hedor. Un posible espejo de América. In: SANTILLÁN, R. *El Hedor de América: reflexiones interdisciplinarias a 50 años de América Profunda de Rodolfo Kusch*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: CLACSO/ UNTREF, 2023.

QUIJANO, A. *Modernidad, identidad y utopía en América Latina*. Lima: Soc. y Política, 1988.

RIVERA CUSICANQUI, S. Ch'ixinakax Utiwa: una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

ROGGERO J. T. Rodolfo Kusch: los dos vectores. In: *Dones del canto. Cantar, contar, hablar: geotextos de identidad y de poder*. Córdoba: Ediciones del Copista, 2005.

ROGGERO J. T. *La seducción de la barbarie*. Esbozo de una poética geocultural. In: ROIG, A. A. *Rostro y filosofía de América Latina*. Mendoza: Editorial de la Universidad Nacional de Cuyo, EDIUNC, 1993.

ROGGERO, J.T. *Dones del canto. Cantar, contar, hablar: geotextos de identidad y poder*. Córdoba: Ediciones del Copista, 2005.

ROJAS, R. *Eurindia. Ensayo de estética sobre las culturas americanas*. Bs A: Losada, 1951.

ROYCE, A. P. *The Anthropology of Dance*. Bloomington and London: Indiana U. Press, 1977.

RUBINELLI, M. *Reflexiones actuales sobre el pensamiento de Rodolfo Kusch*. San Salvador de Jujuy: Editorial Universidad Nacional de Jujuy, 2001.

SABATO, Ernesto (Org.). *Tango, discusión y clave*. Buenos Aires: Losada, 1963.

SAID, E. *Orientalism*. New York: Vintage, 1979.

- SCANNONE, J. *Discernimiento filosófico de la acción y pasión históricas. Planteo para el mundo global desde América Latina*. Barcelona: Anthropos, 2009.
- SCANNONE, J. C. *Sabiduría popular, símbolo y filosofía*. Diálogo internacional en torno a una interpretación latinoamericana. Buenos Aires: Guadalupe, 1984.
- SÁNCHEZ, N. M. *El carnaval antiguo y el carnavalito moderno documentados por Carlos Vega en la Puna y la Quebrada de Humahuaca, Jujuy*. Instituto de investigación musicológica "Carlos Vega". Buenos Aires: Educa, 2018.
- SAVIGLIANO, Marta. *Tango and the political economy of passion*. Oxford: Westview, 1995.
- SCHECHNER, R. *Performance studies: an introduction*. New York: Routledge, 2002.
- SEGATO, R. *La nación y sus otros: raza, etnicidad y diversidad religiosa en tiempos de políticas de la identidad*. Buenos Aires: Prometeo Libros, 2007.
- SEIBEL, B. El tango en el circo y el espectáculo. In: SEIBEL, Beatriz. *Tango tuyo, mío y nuestro*. Buenos Aires: Instituto Nacional de Antropología y Pensamiento Latinoamericano, 1995.
- SOLERO, F. J. Preguntar por lo que somos. Prólogo a la primera edición. In: KUSCH, R. *La seducción de la barbarie. Análisis herético de un continente mestizo*, Obras Completas I. Rosario: Fundación Ross, 2000.
- SOREL, W. *The dance through the ages*. New York: Grosset and Dunlop, 1967.
- SPIVAK, G. Can the Subaltern Speak? In: NELSON, C.; GROSSBERG, L(eds.), *Marxism and the Interpretation of Culture*. Urbana: University of Illinois Press, 1988, p. 271-313.
- STEFFEN, G. *Estar en América y el encuentro con el otro: una psicología válida para los sudamericanos fundamentada sobre el pensamiento filosófico de Rodolfo Kusch*. Buenos Aires: Centro de Estudios Latinoamericanos, 1990.
- TAYLOR, D. *O arquivo e o repertório*. Belo Horizonte: UFMG, 2013.
- TELLEZ, E. Para una estética de la liberación decolonial. México: Ediciones del Lirio, 2020.
- TORIBIO, D. *La lógica de la negación en el pensamiento de Rodolfo Kusch*. Buenos Aires: Fondo Nacional de las Artes, 1984.
- VVAA. *Historia del tango Vol. 1. Sus Orígenes*. Buenos Aires: Corregidor, 1976.
- VVAA. *Historia del tango Vol. 8. El tango en el espectáculo (1)*. Buenos Aires: Corregidor, 1978.
- VEGA, C. Acerca del origen de las danzas folklóricas argentinas. In: *Revista del Instituto de Investigación Musicológica Carlos Vega*, n. 1, 1977.
- VIVEROS ESPINOSA, A. "Enfoques sobre la filosofía de Rodolfo Kusch. El método, lo popular y el indígena como horizontes de pregunta en la filosofía americana." *Rev. Alpha* n° 46, Osorno, Chile, 2016, p. 215-232.
- ZEA, L. *América en la historia*. México: Fondo de Cultura Económica, 1978.

Doutora em Filosofia (UNICAMP, 2008)
Doutora em Multimeios (UNICAMP, 2016)
Professora do Curso de Filosofia, do PPGFIL e do PPGLL (UFAL)
E-mail: natacha.gallucci@ichca.ufal.br